O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 10 DE NOVEMBRO DE 1888

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:742

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—A situação.—Verdades e ficções.—Factos.—As contas do thesouro.—A liga dos lavradores do Douro em Berlim, *pelo Conde de Samodães.*—As irmãs da caridade.—Noticiario.—Secção agricola: Chronica de outubro e factos diversos, *por F. d'Almeida e Brito.*—Communicados.—Secção litteraria: A varina da Murtosa, *por Pinheiro Chagas*; Os tres vestidos brancos, *por Frantz Jourdain*; Um heroe, *por Eduardo de Faria*; Almas do outro mundo, *por Armand Sylvestre.*—Parte official.—Folhetim, Ivanhoé ou o regresso do cruzado.—Correio de Lisboa.

AVEIRO

A SITUAÇÃO

Andam aprehensivos os corifeus da opposição, porque os successos não se preparam para o seu proximo advento ao poder. Não tratam elles de inquirir, se será propicia á causa publica a sua immediata ascenção ás eminencias da governação publica. O que fazem porém é lamentar-se, de que os fados lhes sejam adversos, e que as correntes constitucionaes não os impillam para o porto, que seria a sua salvação, se por mal do paiz, ahi fundeasse a desconjunctada barcaça que os transporta a elles, os representantes de todas as seitas, os filiados de todas as escolas, os contingentes de todas as procedencias em que se acha divida a politica portugueza.

Se o interesse capital do governo é chegar depressa ao fim da proxima sessão parlamentar, não nos parece que o da opposição seja protelal-a em discussões mais ou menos violentas, queimando as ultimas escorvas em refregas, de que não pódem provir vantagens ao paiz. De se ter feito muita politica n'estes ultimos tempos é que proveio o grande mal, que ha-de sentir-se por largos annos. As finanças do estado soffreram grande abalo devido a ter-se feito pouco da administração, antepondo-lhe os interesses partidarios. D'aqui o transtorno geral, as perturbações que desequilibraram o orçamento, e tornaram indispensavel o subquente augmento de tributos.

A lavoura queixa-se, por causa da concorrencia dos generos estrangeiros, mas o mal não é recente e vem de longe. Quizeram attendel-o de afogadilho, e a especulação insurgiu-se, attendendo só ás suas conveniencias. E o peor é que a agricultura, descurando o ponto principal da questão, trata apenas de affirmar mais uma vez opiniões já sabidas, em logar de operar rapidamente para remover a crise de que enfermou, e que se vae tornando chronica. Palra em vez de trabalhar. Abre discussões que nada adiantam, pondo de parte o essencial, que é montar fabricas de moagem, onde possa converter em farinha os grãos que pejam os seus celeiros.

E no fim a lavoura como os politicos da opposição, quer que o governo faça tudo, e até que feche os olhos ao encarecimento do pão, embora o trigo esteja barato nos mercados nacionaes. E' o nosso capital defeito. Queremos que todas as iniciativas partam do poder central. A industria particular só se abalança a emprehendimentos que assegurem lucros infalliveis e até fabulosos. *Entende-se que as existencias* são curtas, e que a prosperidade ha de vir de uma pojadura, quasi sem canseiras.

Não póde ser. E' preciso que o trabalho seja lento, continuado, para que possa dar resultados apreciaveis. Não basta a anciedade que provém do desejo honesto ou da cubiça insaciavel. E' necessaria a presistencia, porque sem ella não ha empreza duradoura.

A situação é, como não póde deixar de ser, o producto de dois factores. E' o resultado do descredito em que se acha a opposição, e das vantagens obtidas pela administração progressista. Se os magnates da politica regeneradora estão descontentes, o paiz acha-se satisfeito. Vão-se realisando por toda a parte melhoramentos importantes, sempre procrastinados pela opposição quando era poder. O dinheiro gasta-se agora em obras de reconhecida conveniencia publica. Os titulos de divida fundada estão por alta cotação. O recurso ao credito, se é um mal quando exagerado, prova tambem que o paiz se acha em circumstancias de satisfazer de pronto a qualquer pedido de numerario, por quanto os emprestimos são sempre cobertos umas poucas de vezes pelo capital, cujo premio tem embaretecido no mercado. D'aqui resulta a alta do valor da propriedade, e o abrir-se o horisonte á especulação, criando-se novas industrias. Os salarios sobem, e os generos alimenticios não descem de preço. Tudo isto prova, que as classes laboriosas não descansam, e que as circumstancias do paiz, se não teem melhorado a olhos vistos, pelo menos não teem peorado. E' verdade que os impostos indirectos teem subido, mas o estado não póde custear os seus encargos sem o imposto. E' a sua fonte de receita. Não tem outra.

Pedem-se caminhos de ferro, exigem-se estradas, deprecа-se para que haja faroes, quer-se uma rede telephonica, como se não bastasse a electricidade para pôr o commercio em movimento, exige-se melhorame tos de portos, abertura de canaes; finalmente não ha manifestação de progresso que se não requeira para cada campanario, e só se repara nas contas do thesouro para se ver em quanto importa o *deficit* do anno economico! Tudo ás avessas, tudo ao contrario do que devia ser.

E eis ahi porque a politica sahiu das suas normas, e porque não é facil reconduzil-a ao verdadeiro caminho, por mais que se esforcem os palinuros, que suppõem dirigil-a. Cada individuo ou cada agrupação tem o seu mobil. E desde que ha tamanha diversidade de interesses, ninguem póde asseverar que possa haver harmonia entre elementos que se repellem porque são de natureza heterrogeneos.

VERDADES E FICÇÕES

Lê-se na *Revolução de Setembro*:

«Deixem-nos todavia protestar ainda contra a idéia da intervenção d'el-rei na reorganisação partidaria, tanto pelo menos quanto nol-o indicam as nossas convicções liberaes.»

Apoiado. Exigir a interferencia do supremo magistrado da nação em questões a que devem ser absolutamente estranhas as prerogativas magestaticas, o mesmo é que tornar publica a falta de orientação quanto ao systema vigente, onde o rei reina mas não governa. E desde o momento em que o chefe do estado baixasse das regiões elevadas em que o collocou o pacto fundamental para se envolver em questiunculas de facção, perderia o prestigio que só póde manter-se pela isempção mais absoluta no que respeita á structura dos partidos.

Se a coroa uzasse do alvitre lembrado pela folha portuense, tel-a-hiamos publicamente envolvida na politica activa, dirigindo consequentemente a acção dos partidos. E o sr. D. Luiz é bastante illustrado para perceber os perigos que resultariam para as instituições e para a dynastia intrometter-se em cousas, que a indole do regimen constitucional torna defezas á monarchia representativa. E é elle tão respeitado pelos partidos liberaes, está tão bem conceituado na opinião do paiz, que o envolver-se em taes aventuras acarretar-lhe-hia desgostos, que nunca no seu espirito esclarecido teriam compensação.

Não é partidario da monarchia quem a aconselha de modo a ultrapassar os limites da sua jurisdicção constitucional, mesmo quando os resultados correspondessem á ideia inicial. Porque os reis nos paizes essencialmente liberaes como o nosso, devem desprender-se de influencias que possam perturbar o equilibrio em que devem manter-se, não celebrando conventiculos em proveito d'esta ou d'aquella agrupação, considerando-as a todas, e mostrando-se completamente isentos de resentimentos ou de affeições.

O rei constitucional é o chefe natural de todos os partidos monarchicos affectos á sua dynastia, e desde o momento que interviesse na organisação de cada um d'elles, pol-os-ia em sobresalto e desconfiança, supondo-o mais inclinado a um que a outro, e tirando-lhe o caracter de imparcialidade, que deve ser um distinctivo da sua elevada magistratura. E por maioria de razão entendemos tambem, que procedem incorrectamente os modernos Tacitos, que de certo fazem critica sobre o joelho, ao alludirem ás excursões da realeza, como se devesse discutir-se o viver dos nossos principes, ou fosse obrigação do escriptor fazer apreciação de cousas que estão fóra da alçada da imprensa politica.

FACTOS

A *Democracia* nota que as folhas da opposição commemorassem *no corrente anno* o anniversario do fallecimento de José Estevam, emquanto o *Campeão* guardava ácerca d'elle o mais rigoroso silencio. D'aqui tira conclusões ao sabor das suas prelendas do costume, chamando mo cegos aos liberaes, que o não são do hymno, mas que o teem exemplificado na vida publica, sendo tolerantes com todas as opiniões.

Muito de proposito sublinhamos a phrase—no corrente anno—porque ha muito que os taes orgãos ou realejos a que a *Democracia* se referiu, não faziam caso d'aquella data, que para Aveiro devia ser sempre de tristeza. Mas só em 1888 se lembraram d'isso os patriotas, porque a sua dedicação por a memoria de José Estevam é obra de fancaria, exactamente como o seu amor pela liberdade.

Saiba mais a *Democracia*: Ha mezes lembraram-se dois socios do Gremio de apresentar um requerimento, a fim de que, conjunctamente com o retracto de Mendes Leite, fosse inaugurado em uma das salas da mesma associação o retracto de José Estevam. A esta manifestação associaram-se muitos socios, e entre elles figuraram tres dos redactores d'este jornal.

Em assembleia geral para isso convocada especialmente, discutiu-se o assumpto, e como a direcção declarasse que a casa não tinha dinheiro que a habilitasse a realisar o intento; o redactor principal do *Campeão* propoz que se abrisse uma subscripção entre os socios do Gremio, para occorrer ás despezas que não podessem ser custeadas por conta da associação, a fim de que os retractos se fizessem a curto práso e fossem inaugurados com o luzimento devido áquelle acto.

Esta proposta foi combatida por alguns dos redactores das taes folhas liberaes, e a maioria deliberou, que a direcção arranjasse dinheiro por meio de emprestimo quando o não houvesse da receita ordinaria da casa. E quando o corpo gerente tratava a serio da incumbencia, e queria levantar dinheiro para isso, visto que não tinha fundos disponiveis, um socio influente e que se diz devoto de José Estevam ponderou que o Gremio estava empenhado, e que se quizessem fazer aquella manifestação, pela sua parte lhe levantaria todas as difficuldades, não só para que não se realisasse o emprestimo auctorisado, mas tambem para que o antigo credor lhe exigisse o pagamento da sua divida!

E passou-se o dia 20 d'agosto, que era o designado para a inauguração dos dois retractos, e nada se fez no Gremio Aveirense, como homenagem áquelles dois assignalados varões!

Ahi está como se denuncia o falso patriotismo. Frazes sonoras e factos... negativos. O primeiro anniversario da morte de Mendes Leite passou sem que os patriotas de empreitada se importassem com a memoria do homem illustre, tambem filho d'esta terra, e que tantos serviços prestou á causa liberal. E vinte e tantos annos decorreram no mais sepulchral silencio, sem que os mesmos patriotas se lembrassem de commemorar o passamento do grande tribuno, que na mansão onde paira o seu espirito vê com profunda tristeza os salamaleks serodios d'estes bonzos, que especulam com o seu nome, como teem especulado com a liberdade, que elles ultrajam com a mais aviltante irreverencia.

AS CONTAS DO THESOURO

E' das *Novidades* o seguinte artigo:

No *Diario* de hontem foi publicada a conta, em dinheiro, do movimento do thesouro, no continente do reino, relativa ao mez de agosto findo.

Os resultados comparativos d'essa conta continuam a mostrar a mesma significação lisongeira, que os das anteriores. Assim temos:

Despeza ordinaria...	1.949:437$102
Receita ordinaria....	2.491:666$611
Excesso.....	542:229$509

Deve notar-se, que o mez de agosto pertence ao periodo chamado das *vaccas magras*, o que mais accentua aquelle resultado. A receita ordinaria do mez de agosto foi sufficiente, com pequena differença, para occorrer á despeza ordinaria, e tambem á extraordinaria.

A comparação dos dois mezes decorridos do actual anno economico, em comparação com eguaes mezes do anno economico anterior, dá ainda resultados favoraveis.

Nos fundos saidos por ordens dos ministerios, na despeza ordinaria, encontra-se, para esses dois mezes, o seguinte:

1887—1888.....	3.293:370$716
1888—1889.....	3.116:609$416
Para menos....	181:761$300

Na despeza extraordinaria, a diminuição é consideravel, como vae vêr-se:

1887—1888.....	6.755:851$033
1888—1889.....	4.891:721$600
Para menos....	1.864:129$600

Assim, pois, nos dois primeiros mezes do anno, apparece uma diminuição consideravel nas despezas, tanto ordinarias, como extraordinarias, na importancia de mais de 2:045 contos. E' evidente, que esta proporção não póde manter-se nos outros mezes. Ninguem poderia esperar tal. Mas nem por isso deixa de ter uma alta significação o resultado obtido para os dois primeiros mezes do anno.

Tambem apparece uma diminuição de 1:340 contos nos encargos da divida publica; mas, como estes são fixos, não tomamos a diminuição em conta, porque ella tem de ser compensada nos mezes seguintes.

E' isto o que dóe aos adversurios do gabinete. Por isso referve a injuria, e se faz largo estendal de diffamações e calumnias. Tristissimos expedientes de quem não sabe procurar na seriedade e compostura do seu proceder, e no acabamento de deploraveis dissenções intestinas, os seus titulos de habilitação ao poder!

A LIGA DOS LAVRADORES DO DOURO EM BERLIM

São lisongeiras as noticias recebidas de Berlim sobre a apresentação da Liga dos Lavradores do Douro na exposição vinicola portugueza n'aquella capital. Tem um anno apenas de existencia a nossa associação, e já ella se apresenta em um certamen sério e de prova de modo que se distingue entre os demais concorrentes. Não podemos deixar de sentir contentamento com noticia tão agradavel, que é corôa dos nossos cuidados e trabalhos. Desde o começo d'elles dissemos que a nossa força está na união, e como a ha, e promette continuar, os resultados vão-se evidenciando.

Modestos foram os inicios d'esta associação; modestissima tem sido a sua vida, e tão despretenciosa se manifesta, que só deve causar surpreza que ella exhibe provas d'esta ordem. Não nos illudamos todavia, menos ainda nos ensoberbeçamos. O typo essencialmente cooperativo da nossa associação não lhe dá ensejo para grandes arrojos. Se aspirassemos a voar e tomassemos azas para essa tentativa, succeder-nos-ia como a Icaro. Podemos abrir caminho, mostrar qual é a sua direcção, e a maneira como póde tornar-se viavel; mas não nos é possivel passar d'aqui. Para nos abalançarmos no trafico commercial, fallecem-nos elementos indispensaveis. Não tivemos em mira tomar esse rumo, e insensato fôra seguil-o sem nos munirmos do capital quantioso, que emprezas d'esta ordem põem em jogo.

Foi valioso o auxilio prestado pelo nosso governo para que esta exposição se realisasse. Cumpre registrar este serviço assignalado, que resgata não poucos deserviços publicos da actual gerencia administrativa. Não estamos aqui nem para lisongear, nem para verberar, nem para captar benevolencias, nem faltar á justiça.

O governo fez muito n'esta causa, e sem elle baldado seria o intento de realisar a exposição.

O serviço, que ella já tem feito, é evidente. A Allemanha desconhecia o genero principal da nossa producção, adaptado para a exportação.

Está hoje em via de conhecer, apreciar e aproveitar esse valiosissimo e especialissimo genero. Temos pois em prespectiva a abertura de um grande mercado. E nada nos é mais necessario para o nosso vinho, porque a producção d'este augmenta, sem embargo de todas as epiphitias, de todas as contrariedades physicas, e dos obstaculos economicos, que lhe oppõe uma legislação, cada vez mais pronunciadamente tributaria, moldada só para satisfazer a insaciavel voragem de um thesouro, construido pelo mesmo tanoeiro que ideou o fabuloso tonel das Danaides. Esse augmento de producção não se consegue todavia sem uma lucta tenacissima, em que se consomem capitaes avultados e forças poderosas. O unico modo de reparar esse dispendio inevitavel está em preces remuneradoras, os quaes se não logram sem um alargamento grande do mercado; porque com o acanhamento dos conhecidos a saturação é completa, e o excesso mesmo da producção constitue uma miseria deploravel.

Se os portos da Allemanha se nos abrem; se depois d'elles se franqueam tambem os da Hollanda, e de outros paizes do Norte da Europa, onde o consumo dos vinhos póde ser enorme, o augmento de producção é uma riqueza, e com vantagem se poderá progredir na lucta contra tudo o que se nos defrontar. Essa riqueza geral, resultante das sommas das riquezas parciaes, irá alimentar a riqueza do Estado, o qual gastando um poderá vêl-o centuplicado, realisando-se mesmo na economia a promessa do Evangelho, feita á caridade. E' porém mister que o Estado dispenda essa unidade para poder vêl-a centuplicada. Se o Estado se limita apenas a auxiliar a exposição e a sua apresentação espectaculosa, satisfará quando muito uma vaidade, mas não conseguirá nenhuma cousa, de vantagem real para a causa publica. Não estamos hoje nos dias tetricos, embora patrioticos, do marquez de Pombal, em que a mesma mão poderosa que esmagava todos os adversarios, promovia a prosperidade publica e regulava despoticamente a producção vinicola. Elle demarcava os terrenos, que haviam de produzir vinho, a quantidade d'elle, a sua qualidade e o seu preço. Elle dispunha de vastissimas regiões, onde estabelecia um monopolio rigoroso, regulava a producção, que havia de abastecel-os, mandava arrancar vinhedos, cortava os excessos de abastecimentos, tutellava tudo e de tudo dispunha como proprio. A economia politica do grande estadista fazia obedecer todos ao seu nuto, e por assim dizer elle era o senhorio, tendo por subalternos todos os proprietarios. Hoje não se póde repetir esse methodo, que na sua epoca deu os resultados que os principios anteviam.

Temos hoje a seguir systema mui diverso, e o Estado todavia não póde conservar-se mero espectador, deixando em movimento apenas as forças dispersas dos individuos. Se tivesse procedido assim, nem sequer a exposição houvera adquirido a importancia, que a distingue. Se se limitar só ao que fez, sem que se negue o serviço, póde agourar-se que o seu alcance é pequeno. Gasta-se muito e mal em muitas e dispensaveis cousas, sem que se fomente a riqueza publica, sem que possa prever-se uma retribuição provavel. No momento actual vemos em pesquiza uma mina de resultados seguros; mas se nos limitarmos a olhar para a extensa beta, cujo diametro é consideravel, e não se procurar exploral-a, as consequencias são nullas, e se manifesta incuria muito mais lastimosa, desde que se reconhece a riqueza do que antes de ella se devisar.

Não se póde censurar o governo por elle não ter ainda dado passo algum patente para auferir as consequencias da exposição, que auxiliou por modo louvavel. Os governos devem ser cautellosos e meditar bem o que fazem. E' justo que elle estude o que se vae passando, e condense os factos economicos, que se vão revellando.

Cumpre não obstante não retardar as suas resoluções, porque a occasião passa depressa, e consolidar a obra, que apenas se acha iniciada. A orientação que se deu a esta exposição é muito outra do que fôra a das passadas, e estas realisadas mais com um fim de ostentação, do que economia publica. O catalogo que acaba de sair á luz relativo á exposição da região do Norte o demonstra por modo claro. Não vimos ainda o catalogo da região do Sul; mas para formarmos o nosso juizo basta-nos percorrer esse importantissimo volume, que acaba de sahir do prelo, e deve ser meditado por todos os que se interessam n'esta questão. Veja-se o que elle nos diz e compare-mol-o com os catalogos, na secção respectiva, das exposições de 1869 e 1878, e das de Londres de 1851 e 1863. O catalogo de 1888 é essencialmente democratico quanto a vinhos, e manifesta uma tendencia para abrir um mercado geral e não continuar os mercados de especialidades, que são conhecidos desde seculos. E' exactamente isso o de que se precisava, por que a grande producção não é nem póde ser a das especialidades, mas sim a das vulgaridades, as quaes no seu typo tem alta importancia e são susceptiveis de grandes aperfeiçoamentos os quaes poderão custar dez, mas hão-de produzir vinte e trinta. O problema está hoje posto em equação, e não offerece difficuldades na sua resolução; mas esta é da alçada do governo, o qual apoiando-se nas iniciativas patrioticas, que não escasseiam, deve coadjuval-as com a sua força para o beneficio commum.

Não se infira do que deixamos exposto que a Liga dos lavradores do Douro, que representamos, queira mudar de natureza e apoiar-se em concessões do governo. Nasceu ella sem o apoio d'este, e vive á vontade sem o ter em proporção mais lata do que os cidadãos individualmente. Na esphera da sua acção, no limite das operações, demarcadas nos seus estatutos, a Liga não precisa por parte do governo de mais do que a applicação da lei, como aos simples cidadãos; não póde nem mesmo podia acceitar cousa alguma a maior. A questão, de que se trata, é mais vasta do que os Estatutos da Liga permittem devassar.

A Liga é composta só de agricultores do Douro, e organisada para certos fins, que interessam só a elles; a questão actual vem muito além. Não interessa só ao Douro, é para todos os paizes ou regiões vinhateiras de Portugal. O Douro entra tambem aqui; deve elle conservar a sua autonomia, porque o Douro é uma especialidade, como o é a Madeira, Bucellas, Setubal, Collares, etc.; mas guardada a sua firma, entra na lei commum, e interessa mais do que ninguem na resolução do problema.

A Liga póde cooperar, mas não é a mola real, que ha-de pôr em movimento todas as regiões vinicolas do paiz. E' indispensavel fabricar essa mola real, e o governo deve pôr-se á frente d'isto. O marquez de Pombal assim procedeu. A epoca é outra e por isso outros devem ser os meios, mas em todas as epocas as crises resolvem-se com boa vontade, energia e intelligencia. Apraz-nos pensar que estes predicados e para o caso presente, se encontram no governo actual.

CONDE DE SAMODÃES.

AS IRMÃS DA CARIDADE

Não está amortecido o amor pela religião, n'este abençoado torrão portuguez, mau grado dos republiqueiros.

Ainda pulsa, e pulsará sempre o coração dos portuguezes pelas crenças que ha tantos seculos tem passado incolumes atravez de mil combates e de guerras de exterminio.

Acabamos de saber que o folheto *As Irmãs da Caridade*, escripto pelo sr. H. C. tem tido uma extracção admiravel, e que o seu auctor vae fazer 2.ª edição. Eis um desmentido áquelles que julgaram que a questão religiosa era lettra morta n'este paiz, e que a Religião do Crucificado não tem a força potente de ir ávante sob todos os escarceus. Logo que o seu auctor, segundo nos consta, tiver liquidado toda a receita, dizem-nos que fará entrega da parte que prometteu aos estabelecimentos de caridade. Honra lhe seja.

A 2.ª edição vae entrar brevemente no prélo. Affirmam-nol-o.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Tem passado ultimamente bastante incommodado de saude, o nosso presado amigo, o revd.º conego arcipreste, sr. José Candido Gomes d'Oliveira Vidal. Felizmente vae melhor dos seus padecimentos, e isso é motivo de prazer para os que verdadeiramente o présam e estimam.

— Parte ámanhã á noite para Coimbra, onde se demora alguns dias, regressando depois a Lisboa, o nosso respeitavel amigo, o sr. dr. Francisco de Castro Mattoso da Silva Corte Real, benemerito deputado da nação.

— Espera-se na segunda-feira n'esta cidade o nosso illustrado amigo o sr. Francisco de Castro Monteiro, sollicito deputado da nação, e dignissimo presidente da commissão incumbida de estudar a remodelação do imposto do pescado.

— Estiveram hontem em Aveiro os nossos amigos, os srs. Manuel Ribeiro, digno escrivão de fazenda do concelho de Ovar, e dr. Dyonisio de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, intelligente e illustrado administrador do concelho de Estarreja.

— Já regressou de Espinho á sua residencia de Paredes o digno escrivão de fazenda d'aquelle concelho, nosso muito presado amigo, sr. Antonio Eduardo de Sousa.

— Encontra-se em Aveiro o nosso estimavel collega, o sr. Azevedo Coutinho, illustrado redactor da *Maria da Fonte*.

— Está em Aveiro de passagem para a sua casa da Beira o sr. dr. Anacleto Pedro da Cunha, antigo thesoureiro pagador d'este districto.

— Acha-se gravemente doente a espoza do nosso amigo o sr. José Pereira, Junior, acreditado negociante d'esta praça. Desejamos as melhoras d'aquella virtuosa sr.ª.

Convite honroso.—O nosso dilecto collega, dr. Barbosa de Magalhães, recebeu ha dias um officio muito lisongeiro da direcção da Associação dos artistas de Coimbra, convidando-o para fallar na sua sessão commemorativa do anniversario natalicio do benemerito cidadão, o sr. Martins de Carvalho, conhecido jornalista.

Desmentido.—Não é exacta a noticia, dada por alguns jornaes, da nomeação do nosso collega, o sr. dr. Barbosa de Magalhães para o logar de 1.º official do ministerio da marinha. Estamos auctorisados para o affirmar.

Patranhas.—Os caramboleiros, para entreterem os ocios dos pascacios, inventam *maranhões*, que propálam atrevidamente. Está n'este caso o boato da *retirada* do nosso illustre chefe, o sr. conselheiro Manuel Firmino, á vida particular! Nós nunca o vimos, como agora, tão activo e energico. Acha-se á frente do municipio, cujas obras fiscalisa pessoalmente, trabalha assiduamente na politica, e ainda ha pouco deu uma prova eloquente da sua força na abertura do esteiro de S. Gonçalo, que os taes patranheiros diziam que se não *abriria*; o que lhe valeu uma manifestação popular imponente e muito significativa. Desenganem-se: as bravatas dos patavinas e insignificantes leva-as o vento, mas o merecimento dos homens de valor fica! E o povo conhece de mais os seus especuladores, e aquelles que se sacrificam pelo seu bem estar.

Conceito.—E' ainda do nosso illustrado collega *Commercio de Chaves* o seguinte conceito, que agradecemos:

O *Campeão das Provincias*, de 3.—Desenvolve a questão alimentar e transcreve a opinião de jornaes ácerca da questão d'Aveiro. Relativo ao primeiro assumpto, está muito bem desenvolvido; emquanto ao segundo a justiça que lhe assiste falla mais alto do que todas as calumnias dos diffamadores sem consciencia.

Lyceu Nacional.—O conselho do lyceu, em sessão de 8 do corrente, nomeou o nosso illustrado amigo, o sr. Padre Francisco da Costa Junior, para reger provisoriamente a cadeira de geographia e historia emquanto durarem as funcções de deputado do nosso collega dr. Barbosa de Magalhães. A escolha não podia ser mais acertada, porque o sr. padre Costa é um habil e illustradissimo professor, que ha mais de 20 annos se consagra dedicadamente ao ensino, com grande aproveitamento dos seus discipulos.

Melhoramento.—Deferindo a uma representação da Commissão executiva da Junta Geral, que nem um só momento descura os interesses e melhoramentos locaes, o governo authorisára ha mezes a direcção das Obras Publicas d'este districto a fazer no edificio do lyceu as obras indispensaveis para n'elle poderem funccionar ás horas proprias todas as aulas que constituem os cursos geral e especiaes. A novas instancias do presidente d'aquella Commissão, o digno director das obras publicas mandou já proceder a essas obras, que em breve devem estar concluidas, e que consistem principalmente na divisão d'um dos salões em 3 sallas independentes. Essa divisão, porém, é feita com caracter provisorio, porque é possivel que se torne inutil logo que as repartições districtaes se installem no seu novo edificio, no Largo do Terreiro.

Assignatura de contracto.—O sr. conde de Anadia assignou alli, no dia 8, a escriptura de venda do seu sollar e propriedade annexa, onde vae estabelecer-se a escola agricola de viticultura da Bairrada. Assignou o contracto por parte do governo o sr. Manuel Rodrigues Goudim, inspector de serviços agricolas. A venda effectuou-se pela importante cifra de 28:350$000 reis.

Audiencias geraes.—No dia 6 do corrente foi julgado Manuel Gonçalves Andril, d'Ilhavo, accusado por offensas corporaes.

— No dia 7 teve logar o julgamento de Manuel Marques Catharino, de S. Bernardo, por ter dado fuga a um preso. O jury deu o crime por não provado por unanimidade, sendo o réu absolvido.

Tempo.—Continua chuvoso e ventanio a ponto de impedir todos os trabalhos. A tempestade é quasi seguida, e os estragos que ella tem causado são consideraveis. As casas pouco seguras, os muros pouco solidos, as vedações das marinhas, tudo tem soffrido, em tudo ha prejuizos grandes. E o peor é, que não se vê modo de cessar este mau estado geral, que a todos affecta. Soffrem com isso mais que todos os trabalhadores do campo, os operarios que teem trabalhos ao ar livre; soffrem os barqueiros, os pescadores—todas as classes trabalhadoras em fim.

Deus se amercie dos pobres para quem a epoca vae tão calamitosa.

Mercado de sardinha.—Não falta no mercado este genero, nem sóbe de preço, o que quer dizer que ainda ha bastante nas salgas. O preço d'ella hoje aqui é ainda de 1$000 réis o milheiro.

Parque em Espinho.—Com esta epigraphe publica o *Commercio do Porto* o seguinte:

Organisou-se em Espinho uma commissão de proprietarios e commerciantes n'aquella localidade, que tratou de propôr á camara municipal da Feira a construcção de um parque, contribuindo os iniciadores com uma parte das despezas a realisar e a camara com outra parte. A municipalidade da Feira, comprehendendo o alcance d'aquelle melhoramento para a formosa e concorrida praia, accedeu ao convite e deliberou concorrer para a construcção do parque com a quantia de 600$000. Fica a nascente da povoação o terreno em que vai estabelecer-se esse pittoresco recinto, medindo as dimensões sufficientes para se poder realisar uma obra boa. O terreno escolhido tem 300 metros por lado. Foi chamado o distincto jardineiro paizagista, sr. Jeronymo Monteiro da Costa, para delinear o parque; e da provada competencia d'este cavalheiro ha a esperar um trabalho que, constituindo um melhoramento para Espinho, apresenta tambem todos os encantos de um local pittoresco. Os iniciadores de tão apreciavel melhoramento desejam vêl-o roalisado no mais curto praso possivel.

Principio de trabalhos.—Devem começar na semana proxima os trabalhos de construcção do caminho de ferro de Coimbra a Arganil.

Curiosidade.—Em consequencia do requerimento feito pelos srs. Duparchy & Bartissol, foi classificado pelo sr. dr. Pedroso de Lima o dinheiro encontrado na demolição do predio da calçada do Carmo, n.º 28, da seguinte maneira: *Peças de 8$000 reis*—50 do reinado de D. João V; 489 do de D. José I; 338, do de D. Maria I e D. Pedro III; 613, do de D. Maria I. *Meias peças (4$000 reis)*—1 do reinado de D. João V. *Quartos de peça (2000 reis)*—3 do reinado de D. João V; 1 do de D. José; 1 do de D. Maria I. *Oitavo de peça (1000 reis)*—6 do reinado de D. João V. *Moedas (4800)*—1 do reinado de D. Pedro II; 1 do de D. João V. *Meias moedas (2$400 reis)*—5 do reinado de D. João V. *Pintos em oiro*—47 do reinado de D. João V; 2 do de D. José; 2 do de D. Maria e D. Pedro III; e 4 do de D. Maria I. Os srs. Duparchy & Bartissol contestam a posse d'este dinheiro á companhia real dos caminhos de ferro, porque, apesar de ser esta a dona do predio, aquelles senhores celebraram um contracto com a companhia, em que se estipula que todos os materiaes da demolição pertencem aos empreiteiros. Isto é uma questão de direito, que tem de se debater nos tribunaes.

Algumas das peças e das meias peças são hoje rarissimas, sobretudo as que teem cunhadas as duas effigies da rainha D. Maria I e D. Pedro III. Essas devem valer hoje 50 por cento a mais do pezo. Quasi todo o dinheiro está novo. Parece acabado de cunhar. Os srs. Duparchy & Bartissol já declararam, que distribuirão por todos os operarios do tunnel a parte do thesouro que lhes competir, se a elles fôr reconhecido o direito que allegam. E se o dinheiro fôr entregue á companhia dos caminhos de ferro, que destino dará está ao dinheiro? Dividil-o-ha pelos seus operarios, entregal-o-ha aos estabelecimentos de beneficencia, ou guardal-o-ha nos seus cofres?

Aguardemos.

Transcripções.—São do *Jornal do Povo*, de 7, as seguintes noticias:

O tempo.—Domingo e segunda-feira, e ainda parte do dia de hontem, choveu torrencialmente n'esta villa a ponto de se tornar difficil o transito nas ruas.

Hoje, o dia tem conservado o mesmo aspecto dos anteriores. Consta-nos que ha prejuizos em muitas partes causados pelas chuvas, sendo alguns de bastante importancia.

Da nossa carteira.—Passou hontem o dia n'esta villa, regressando á noite á sua casa de Carregoza, o incansavel deputado por este circulo, nosso dilecto amigo, sr. dr. Antonio Simões dos Reis. S. ex.ª está quasi restabelecido dos incommodos que ultimamente lhe motivou uma queda.

— No sabbado ultimo regressaram a esta villa o nosso amigo e prestante correligionario, sr. Joaquim Augusto da Costa Basto, sua ex.ma esposa e interessantes filhinhas, que estiveram em Espinho a fazer uso de banhos.

— Partiram para Sabrosa, depois de veranearem na praia de Espinho, o sr. commendador Francisco Lobo Pereira Caldas de Barros e sua esposa, ex.mo sr.ª D. Maria da Soledade da Costa Basto.

— Partiu para Lisboa o nosso amigo e conterraneo, sr. Antonio Soares Dias, que vem passar algumas semanas n'esta villa.

— No sabbado ultimo regressou da praia do Furadouro a familia do digno juiz de direito d'esta comarca, sr. dr. José Maria de Lemos Almeida Valente.

— Acha-se doente no Porto o sr. Bernardo da Costa Basto, filho do nosso amigo e opulento industrial, sr. Bernardo José da Costa Basto. Desejamos-lhe breve restabelecimento.

— Partiu para Coimbra o nosso particular amigo e collega n'esta redacção, o sr. M. M. de Castro Corte Real.

— Tambem partiram para o Porto os nossos presadissimos amigos, os srs. Albino Soares Martins, Luiz Soares Martins, Antonio Nunes de Almeida e irmãos.

Estrada.—Deu entrada na repartição da camara municipal d'este concelho, devidamente approvado pela commissão executiva, depois do parecer dado pela repartição das obras publicas d'este districto, o projecto e orçamento d'um lanço de estrada comprehendido entre a Espinheira, na estrada de S. Martinho da Gandara, e o logar d'Alumieira, de Loureiro, constando-nos que muito breve a camara mandará pôr em arrematação este trabalho. Esta nova via de communicação representa um grande melhoramento para este concelho e com especialidade para os povos do norte que ficam ligados com o caminho de ferro em Estarreja. E', pois, fóra de duvida, que a camara e o muito digno representante por este circulo o sr. dr. Antonio Simões dos Reis tem attendido ás reclamações dos povos do concelho que representam, e contribuindo para o progresso e para a civilisação abrem novas vias de riqueza e prosperidade futura, trabalhando sempre com dedicação e vontade para o bem estar de seus semelhantes. E' assim que os homens serios e de caracter honesto exercem as missões de que são encarregados sem se importarem com os enredos e malquerenças dos que pertendem despertegial-os. A' vante, pois, homens do progresso, pois que dos que tem vivido e vivem de trapaças ainda não fallou nem ha-de fallar a historia.

Prisão.—Foi hontem preso, na feira da Alumieira, Antonio Pires, jogador da *vermelhinha*, por descarregar uma cacetada na cabeça de João Leira, de Adães, na occasião em que este e Custodio Rodrigues, tambem de Adães, se tinham agarrado um ao outro por uma desavença que tiveram. O espancador deu hontem mesmo entrada na cadeia d'esta villa.

Deliberação.—A camara municipal d'este concelho, em sessão de hoje, deliberou pôr em arrematação a construcção do lanço de estrada comprehendido entre o logar de Macieira, da freguezia de Loureiro, e o logar da Espinheira, na freguezia de S. Martinho da Gandra.

Mau serviço.—Em Bragança e em outros pontos do norte do paiz andam agentes de differentes companhias de vapores convidando familias para irem para o Brazil, facultando-lhes passagens gratuitas. E' um mal que o governo deve procurar evitar.

Um caso de raiva no homem.—Morte no periodo paralytico.—Depois de escripta a precedente observação, a imprensa diaria referiu-se ás duvidas formuladas pelo sr. delegado de saude do districto de Lisboa a respeito do diagnostico n'este caso de raiva. e d'ahi se originou a correspondencia trocada entre mim e o sr. Burnay. E' ainda a mesma razão que me aconselha agora a accrescentar umas breves considerações, que servirão para supprir o que falta na observação, escripta despretenciosamente sem muito me prender com as formulas classicas, que são de rigor nos trabalhos d'esta natureza, quando outro fim se tem em vista além de dar uma noticia exacta sobre o caso clinico.

Procede-se ao diagnostico differencial nos casos duvidosos; quando, porém, o conjuncto dos symptomas observados conduz immediatamente, como agora succedia, ao diagnostico directo, não ha razão para fatigar com aquelle a attenção dos leitores a quem a observação é destinada.

Quasi todos os livros de pathologia e de clinica medica dedicam muito poucas linhas ao diagnostico differencial da raiva, chegando n'alguns a ler-se que os espasmos, a hydrophobai e a cuspinhadura constituem um symptoma de tal valor, que por si basta para tirar todas as duvidas ácerca da natureza da doença. E' Bronardel quem dá mais desenvolvimento a esse capitulo no seu magnifico artigo do Dic. encyc. das sciencias medicas. Acompanhal-o-hei, resumindo quanto possivel, na enumeração dos estados morbidos que com a raiva podem ter alguns symptomas communs.

A *hydrophobia imaginaria*, causada pelo terror da suspeita de se ter sido mordido por um animal enraivado, apresenta de commum com a raiva a hydrophobia e a excitação, que póde chegar ao delirio furioso. Faltam os espasmos respiratorios, as hyperesthesias, sensoriaes; os symptomas manifestam-se de ordinario poucos dias depois da mordedura, áquem do limite minimo marcado á incubação; a sua marcha e a terminação da doença em coisa nenhuma se assemelham a raiva.

Do mesmo modo outros estados nervosos, originados por simples emoções ou por excitações periphericas, a exposição ao frio ou ao calor, a ingestão d'um copo d'agua nevada, etc. Aqui, temos a mais a falta da condição estiologica essencial, a mordedura.

A *hysteria* é por vezes acompanhada de constricção do esophago e da pharynge; a este symptoma podem juntar-se perturbações da respiração e horror aos liquidos. Taes phenomenos, porém, são transitorios, desapparecem e reapparecem com a crise hysterica. O conjuncto de todos os outros symptomas e a etiologia não permittem por muito tempo a contusão.

Para não me alongar demasiadamente, deixarei de parte a *epilepsia* e a *intoricação uremica*, menos importante sob o meu ponto de vista especial.

No *tetano* a contracção tonica é persistente; na raiva desapparece com o espasmo. N'esta não ha, ou desapparece rapidamente, o *trismus* inicial de tetano. N'algumas fórmas da meningite e de outras doenças inflammatorias, principalmente nas febres eruptivas, apparece por vezes tambem, como symptoma transitorio, a *dysphagia*.

Delirium tremens.—Para Bronardel, e não para a maioria dos outros auctores, é uma das doenças que melhor se podem confundir com a raiva. Examinarei detidamente sob este ponto de vista os symptomas que apresentou J. A. O delirium tremens manifesta-se de ordinario no decurso d'um alcoolismo chronico. Tanto quanto pude apurar, já pelo conhecimento do doente, já pelas informações de pessoas que com elle privaram em differentes epocas da sua vida, estou convencido de que J. A. não era um alcoolico. Poderia a doença, a que succumbiu, ser um ataque de delirium tremens agudo, sem precedencia de intoxicação ou saturação anteriores? O delirio, as allucinações e as illusões dos sentidos são os symptomas dominantes no delirium tremens, os que rompem a marcha no quadro d'esta affecção. Em J. A. a doença rebentou no meio da mais perfeita integridade mental; foi preciso esperar até o 4.º dia da evolução do processo morbido para se manifestar o primeiro delirio. Pelo que respeita ás allucinações podemos dizer o mesmo, notando que faltaram as do ouvido, tão frequentes no delirium tremens, e as dos outros sentidos, e nas da vista a zootopsia, symptoma de tanta importancia n'esta doença.

No delirio alcoolico os accesos são longos e nos intervallos d'elles raras vezes os doentes deixam de ficar n'um estado de sub-delirio e allucinação; isto desde o começo da doença. Na raiva os ataques são de menor duração e, em quanto a intelligencia se não apaga completamente, os intervallos são perfeitamente lucidos. Na raiva o delirio é principalmente intellectual; na outra affecção é essencialmente sensorial, isto é, a causa que o determina são as perturbações allucinatorias. De passagem direi que J. A., que teve na sua doença algumas horas de somno, nunca referiu ao despertar os sonhos e pezadellos, que são uma das maiores torturas dos alcoolicos.

As alterações da motilidade são tambem differentes n'estes dois estados pathologicos. Na raiva iniciam-se sempre pelos espasmos reflexos dos musculos, que recebem a sua inervação do bulbo; só mais tarde se generalisam as convulsões. O tremor do *delirium tremens principia pelas mãos*, braços, lingua e face, e nada se assemelham, na sua fórma fibrillar, aos espasmos proprios da raiva.

Todas estas differenças foram observadas no doente, que faz objecto da minha observação.

Em resumo: se nas duas doenças ha muitos symptomas communs (note-se que a *hydrophobia* está longe de ser um symptoma frequente no delirium tremens), a ordem do seu apparecimento e o modo da sua manifestação são muito differentes; portanto o conjuncto de quadro symptomatico, quando observado attentamente do principio ao fim da doença, rarissimas vezes permittirá a duvida.

Não é facil a confusão de raiva com as entoxicações pelo opio e pela belladona, que, se teem com ella alguns raros pontos de anologia, offerecem tambem symptomas tão frisantes, que o erro do diagnostico é quasi impossivel. Não assim com o envenenamento pela estrychnina, que, como o tetano a que se assemelha, mais pontos de contacto apresenta com a raiva. Torna-se-me, porem, impossivel alongar mais estas considerações.

Em conclusão: uma doença, que se declara 36 ou 37 dias depois da mordedura d'um animal suspeito e se inicia por umas dôres violentas irradiando do sitio mordido, seguindo-se-lhe as alterações no rythmo respiratorio, os espasmos laryngopharyngeos, que traduzem a hydrophobia, os phenomenos da hyperesthesia cutanea: depois o delirio, com grandes intervallos de perfeita lucidez, mais tarde algumas allucinações da vista, faltando as dos outros sentidos e, nas horas de somno, os pesadellos; a generalisação das crises convulsivas; a cuspinhadura; finalmente, o delirio intellectual continuo, a paresia, manifestando-se de par com o descrecimento dos phenomenos mais intensos referidos á motilidade; por ultimo a paralysia e a morte, tudo isto em pouco dias; uma tal doença, se não é raiva, desenha o quadro mais completo que eu conheço d'esta enfermidade.

1 de novembro de 1888.

Alfredo Scifultz.

—

Nota.—Observaram o doente, em differentes periodos da molestia, os srs. Solano d'Almeida, Ayres de Ornellas, Mattos Chaves, Arrobas, Alves da Cunha, Sousa Martins e os medicos do hospital da marinha. Exceptuando o sr. Solano, que o viu no principio do periodo hydrophobico e cuja opinião ainda não sei, todos os outros confirmaram o diagnostico.

Aos viticultores.—Mais de uma vez, n'este jornal temos informado os leitores ácerca do estado em que se acham as nossas vinhas e dos grandes estragos que a phylloxera vae causando, dia a dia, nas diversas regiões do paiz, diz o *Diario de Noticias*.

Agora, que terminaram as vindimas, em quasi todas as localidades, é occasião dos viticultores começarem a fazer os tratamentos insecticidas, de inverno, com o sulphureto de carboneo, nos terrenos em que elles são possiveis, ou onde já tem dado resultados satisfatorios.

Ha, porém, infelizmente, muitos terrenos, em diversas localidades, onde os tratamentos não teem sido bem succedidos, já pela sua má applicação, já pela pouca crença por parte dos vinhateiros, ou ainda pela completa falta de acção do sulphureto sobre as raizes das videiras, em vista da grande e rapida evaporação que se dá, muito especialmente nos tratamentos de verão. N'estes casos encontram-se os terrenos da região de Torres Vedras, onde apenas tem dado bom resultado os tratamentos feitos na primavera, vinte dias depois de uma cava, que mobilise perfeitamente o solo, isto seguido de uma adubação especial que faça descobrir ás cepas um novo raisame, para substituir as raizes mortas pela phylloxera.

Mas como entre os viticultores ha já hoje formados dois grandes partidos: os *sulphuretistas* e os *americanistas*, isto é, os que confiam plenamente nas applicações do sulphureto de carboneo ás vinhas phylloxeradas e os que pugnam pela substituição das nossas castas por cepas americanas, temos obrigação de informar os segundos ácerca do que devem fazer com respeito ás castas americanas.

E' agora chegado o momento de se fazerem as requisições de barbados e bacellos de videiras americanas, nos viveiros officiaes, o que já foi annunciado pela direcção geral de agricultura, terminando o praso para as requisições no dia 15 do mez de novembro.

Além dos viveiros já anteriormente creados pelas extinctas commissões anti-phylloxericas do norte e sul do paiz, temos agora mais um novo posto, d'onde os viticultores se podem fornecer e ao qual poderão requisitar directamente as quantidades e qualidades de cepas que desejarem, devendo declarar o local para onde destinam essas plantas. Este novo posto, que apenas está installado ha alguns mezes, só poderá este anno fornecer alguns milheiros das castas Jacquez, Herbmont, York-Madeira, Riparia, Rupestris e poucos de Vialla e Solmis, e portanto os nossos viticultores não devem estranhar se apenas forem satisfeitos em parte das suas requisições. Comtudo nos proximos annos futuros já as producções serão muito maiores, attendendo ás dimensões do terreno escolhido e as variedades augmentarão conforme as necessidades e os resultados das experiencias que se forem executando.

Este novo posto, que tem a denominação de—Estação ampelo-phylloxerica do Sul, está estabelecido na Quinta da Viscondessa, freguezia do Turcifal, concelho de Torres Vedras, junto da escola pratica de viticultura, devendo, pela area que occupa, em breves annos, podendo fornecer milhões de bacellos americanos e já *então os nossos viticultores não terão de* que se queixar, como tem succedido nos annos anteriores,

Na estação prestam-se todos os esclarecimentos necessarios sobre vinhas e seu tratamento.

Ali podem os viticultores mandar praticar, em qualquer época do anno, os seus feitoses, caseiros, criados, etc., para se instruirem ácerca de sementeiras de grainha, armação de viveiros, podas, enxertias, pesquizas, tratamentos com insecticidos, meios de combater outras molestias que atacam as videiras, etc.

A distribuição dos barbados e bacellos começa no dia 1.º de janeiro de 1889 e é feita, precedendo um rateio, visto não poderem ser satisfeitas, por completo, todas as requisições que se costumam fazer.

Os vinhos da Beira.—Já se compram vinhos na Beira por conta de casas inglezas e francezas; e tem-se realisado já, segundo consta, bastantes vendas a 25$000 reis a pipa. São de excellente qualidade os vinhos do Dão da presente colheita.

Com cento e oitenta annos!—O homem mais velho do mundo é, pelo que diz uma folha ingleza, um cidadão de Cogotá, na Republica de Colombia, e ali residente. Este novo Mathusalém confessa que tem 180 annos. Chama-se Miguel Solio e é mestiço. A sua existencia foi revelada ao dr. Luiz Hernandez pelo mais velho dos seus colonos, o qual na infancia conheceu Miguel Solio como centenario. Em velhos documentos, que datam de 1712, encontram-se firmas de Solio, em companhia das de outras pessoas que contribuiram para a construcção do convento dos franciscanos, que existe cerca de San Sebastian. Quando o dr. Hernandez o visitou, encontrou-o trabalhando n'um jardim. Tem a pelle apergaminhada, os cabellos brancos envolvem-lhe a cabeça como turbante de neve e o seu olhar é tão vivo que produziu uma impressão desagradavel ao doutor. Interrogado por este, respondeu:

«Como só uma vez ao dia; escolho, porém, alimentos solidos e nutritivos. Levo meia hora a comer; parece-me ser o tempo razoavel para a comida, que tem de ser digerida em 24 horas. Jejuo nos dias 1 e 15 de cada mez: n'esses dias só bebo agua e em grande quantidade. *Deixo sempre arrefecer a comida*, por outra, não como senão alimentos *frios*, embora tenham sido cosinhados.»

Com trinta e tres mulheres!—Em Detroit, Estados-Unidos foi julgado James Browon, o *Campeão da Poligamia*, accusado de ter contrahido casamento de 1883 em diante 33 vezes. Quinze das esposas apresentaram-se no tribunal e são parte no processo. Eis o processo de Browon: Annunciava nos periodicos que precisava d'uma creada, e escolhia a mais formosa entre as muitas mulheres que o procuravam; no fim de alguns dias casava com ella, sem omittir nenhuma das formalidades legaes, e na manhã seguinte abandonava a noiva, levando todo o enxoval que a pobre possuia.

Publicações.—A MODA ILLUSTRADA.—Está em distribuição o n.º 237, correspondente ao 1.º de novembro. Julgamos desnecessario recommendar este interessante e util jornal de modas para senhoras e creanças, o mais antigo e acreditado de todos quantos teem apparecido em portuguez.

Traz as ultimas novidades da estação representadas em grande variedade de figurinos e modelos.

Cada numero da *Moda Illustrada* consta de 12 paginas, 8 das quaes inteiramente cheias de gravuras, uma folha de figurinos coloridos e outra de moldes custando apenas 200 réis.

— A ESTAÇÃO, jornal illustrado de modas para as familias. Publicou-se o n.º de 16 de outubro, cujo summario é o seguinte:

Correio da moda.—Gravuras: Costume com corpo pregueado e manga fofa—Costume com corpo jaqueta e collete bordado—Cercadura, bordado leve para meza de salão, canapé, almofada, etc.—Camisa de dormir para menino—Camisa com ponta para menina—Saiote princeza para trazer por baixo—Espartilho para menina—Calças fechadas de lado para menina—Costume com saia pregueada—Costume com saia apanhada—Costume com tunica apanhada—Tapete de meza, espaldeiras, etc.—Capota de outomno—Vestido para visitas—Vestido com romeira meia estação (paletot formado romeira)—Costume de velocipedista para menino—Vestido bluza com golla maruja para menina—Sedia formando cesto—Romeira bordada—Bordado leve—Bordado de côr para tapete—Paletot ajustado com comprida frente—Corpo ornado de bordado—Corpo ornado de applicação de couro—Cofre para licores ornado de pintura—Costume com golla chale para menina—Avental para pintura com cinturão—Costume com corpo jaqueta para menina—Cofre para collarinhos ornado de bordado—Saia corpo debaixo e collete abotoado para costume—Dois penteados com tranças, com um figurino colorido e folha de moldes.

SECÇÃO AGRICOLA

CRONICA DE OUTUBRO E FACTOS DIVERSOS

A NOSSA PRODUCÇÃO VINICOLA.—Com este titulo, publicou o illustre lente do Instituto Agricola, o sr. A. X. Pereira Coutinho, um artigo, na *Agricultura Contemporanea*, em que avalia a producção total das nossas vinhas em cerca de 6 milhões de hectolitros, ou 1.200:000 pipas de vinho de 500 litros cada uma.

Para chegar a este resultado lança mão dos mesmos elementos, que serviram ao fallecido dr. Moraes Soares, em 1870, para o seu *Relatorio das subsistencias*; isto é, basea os seus calculos nas estatisticas da alfandega do consumo, no imposto do real d'agua, na relação entre o vinho e a producção do vinagre e da aguardente, e finalmente nas estatisticas de exportação.

Por iguaes meios indirectos, avaliando o consumo e a exportação, o dr. Moraes Soares tinha concluido em 1870, que o paiz não chegava a produzir 4 milhões de hectolitros de vinho.

Agora, passados 18 annos, o sr. Pereira Coutinho obtem um augmento de cerca de 50 %, que eu julgo ainda um pouco abaixo da realidade. E a explicação d'esta differença para mais, está no acrescimo da população e por consequencia no augmento do consumo, e no desenvolvimento consideravel que tem tomado a exportação dos vinhos de lotação.

Vamos em seguida resumir os calculos do artigo do sr. Pereira Coutinho.

Em 1870, o dr. Moraes Soares, admittindo a população de 3.887:392 habitantes, chegou ao seguinte resultado:

	Litros
Vinho para consumo do paiz, (sendo a quota media de consumo por habitante 70 litros)..	269.917:440
Idem para o fabrico de 1.600:000 litros d'alcool necessario para adubo d'este vinho consumido, (admittindo que é necessario 1½ por cento de alcool para tempero de todos os vinhos—de pasto, velhos, geropigas, especiaes, etc.—e que são necessarias 7 pipas de vinho para produzir 1 de aguardente de 33° cartier.....	11.200:000
Idem para o fabrico de 1.148:217 litros de alcool consumido no paiz (calculando o consumo por habitante de 0l,3).....	5.741:085
Idem para fabrico do vinagre (admittindo o consumo medio por habitante de 2l,6)...	11.496:219
Idem exportado—litros 34.000:000; deduzindo o alcool addicional.	29.240:000
Idem empregado no fabrico do alcool precedente (4.750:000 litros) e deduzido o alcool importado (litros 1.550:102).....	22.460:282
Idem para fabricar o alcool exportado (litros 35:070).....	280:560
Producção.....	450.335:590

O sr. Pereira Coutinho julga provavel que a quota media de consumo por habitante tenha augmentado, vista a maior producção de vinho no paiz, no emtanto não altera a que foi acceite pelo dr. Moraes Soares, e assim supondo a existencia de 4.160:313 habitantes no continente (recenseamento de 1878) o consumo actual será:

	Litros
Vinho (a 70 litros por habitante).....	291.222:050
Alcool (a 0l,3 por habitante), 1.248:094 litros, que corresponde a vinho (na proporção de 1:5).....	6.240:470
Vinagre (a 2,6 litros por habitante).....	10.816:819
Alcool para adubo do vinho consumido (1½ p. c.), 1.700:000 litros de 33° Cartier (numeros redondos) que correspondem a vinho (na proporção de 1:7)...	11.900:000
Consumo total (computado em vinho).....	320.179:339

Diz o sr. Pereira Coutinho, e com justificado fundamento, que em todo este calculo a ultima parcella poderá parecer exagerada, attendendo a que hoje se empregam no tempero dos vinhos alcools de differentes origens; mas esse exagero é certamente compensado e mesmo muito inferior ao erro para menos da primeira parcella.

Tratando da exportação, calcula o sr. Pereira Coutinho, pela media dos dois ultimos annos:

	Litros
Vinho commum, litros 135.130:270, deduzida a importação (litros 84:700).....	135.045:570
Vinhos generosos do Porto e Madeira, litros 26.387:210, abatendo o alcool addiccional (14 °|, de alcool de 33° Cartier), 5.085:507 litros.....	31.303:703
Vinho que produziu o alcool antecedente (na proporção de 7:1)...	35.584:547
Alcool exportado, litros 137:960; deduzida a importação (108:960 litros) restam 28:000 litros que, computados em vinho (na proporção de 1:7) equivalem.	196:000
Vinagre, 801:050 litros; deduzida a importação (2:270 litros).....	798:780
Exportação total (computada em vinho)....	202.928:602

Juntando estes dois valores totaes, o consumo e a exportação, teremos:

	Litros
Consumo.....	320.179:339
Exportação.....	202.928:602
Producção.....	523.107:941

E, comparando este resultado obtido pelo sr. Pereira Coutinho com a producção encontrada pelo dr. Moraes Soares, acha-se a seguinte differença, para mais:

Producção actual.....	523.107:941
Producção de 1870....	350.335:590
Differença para mais.	172.772:351

Esta differença para mais é assim distribuida:

	Litros
Vinho.....	158.413:883
Alcool.....	1.076:416
Vinagre.....	119:380

O grande augmento é, pois, no vinho, o que corresponde á realidade dos factos.

O sr. Pereira Coutinho, fazendo uma revisão dos calculos do dr. Moraes Soares, prestou um bom serviço aos que se dedicam a assumptos viticolas, visto que a direcção geral de agricultura não tem julgado conveniente estabelecer um serviço regular de estatistica directa, por cada região viticola. Dentro de um mez, quem quizer saber a quantidade de vinho produzido em cada departamento da França, sabe-o, consultando a folha official. Cá, apesar de todas as reformas e da alta competencia do excelso director geral da agricultura, estamos peor do que antes da nova direcção geral.

Portanto, emquanto não houver estatisticas que mereçam este nome, vamos aproveitando estes calculos do sr. Pereira Coutinho, que se aproximam bastante da verdade, comquanto se fundamentem em dados falliveis, como são os da exportação e do consumo, principalmente.

A COR DO VINHO DE JACQUEZ.—Esta cepa americana, preferida, como productor directo, pelos viticultores da Extremadura, dá, como é sabido, um vinho muito carregado em côr, quasi neutro, e por isso muito apreciado para lotações. Esta côr muito carregada porém, não se sustenta muito tempo, tomando muitas vezes uma côr azulada; e por isso alguns viticultores nos tem interrogado ácerca do melhor modo de tratar o vinho Jacquez, de maneira a dar-lhe e-a conservar-lhe a côr tinta vinosa.

Parece que é exactamente por ser em quantidade excessiva a materia corante (œnocyanina), contida nas uvas de Jacquez, a ponto de não ser toda dissolvida no alcool produzido pelo mosto, que ella se precipita no fundo das vasilhas, tornando o vinho menos corado, atijolado e por vezes azulado.

Isto é um grande inconveniente para as lotações, e por isso se tem procurado remedial-o por todas as fórmas.

Depois de estudos aturados, feitos na Escola de Montpellier, chegou-se a concluir que a uva de Jacquez não tem o grau de acidez necessario para fixar a muita materia corante, e d'aqui provem o mal.

Lembrou logo vindimar a uva antes de completa e maturação para que o mosto contivesse maior percentagem de acido tartrico e a côr do vinho se tornasse mais tinta e aberta, mas esta pratica, apresentando diversos inconvenientes, taes como a diminuta percentagem alcoolica e incompleta transformação de acidos naturaes dos mostos, foi abandonada, e substituida pelo emprego do acido tartrico, na razão de 300 a 500 grammas por 100 kilos de uvas, na occasião da pisa no lagar ou trabalho nos balseiros.

Ultimamente tambem se tem aconselhado o phosphato de cal precipitado na dose de 200 grammas por 100 kilos de uvas na lagarada

Este tratamento deve ser feito no lagar antes do vinho estar feito.

O SYNDICATO DOS VITICULTORES FRANCEZES.—Já aqui nos referimos ao grande syndicato geral dos viticultores francezes, organisado com o fim de reclamar dos poderes publicos, não protecção para a viticultura, mas um regimen de egualdade, que lhes permitta luctar com a concorrencia estrangeira.

Temos dito tambem que a attitude energica dos viticultores francezes e alguns actos já praticados pelo seu governo, são pronuncio de mau futuro para a nossa exportação para a França, quando expirar o tratado com este paiz, se mesmo antes d'isso o commercio dos vinhos portuguezes não fôr prejudicado por medidas de caracter interno, como já o foram, e muito, os vinhos hespanhoes, que abusavam largamente da aguardentação.

O syndicato geral dos viticultores francezes dirigiu ha pouco uma representação ao seu governo, appoiando-se nos pedidos e deliberações de todas as associações viticolas locaes, que se resume nas seguintes reclamações:

1.º Providencias aduaneiras, administrativas ou fiscaes contra o abuso do fabrico de vinhos artificiaes, chamados de uvas seccas ou passas;

(Calcula-se que monta a 6 milhões de hectolitros o vinho fabricado em França com passa da Turquia e da Grecia, reforçada com melaços e glucoses).

2.º Manter em rigor a circular Pallain sobre viuhos estrangeiros aguardentados;

(A execução d'esta circular tem prejudicado muito o commercio de vinhos hespanhoes, que, á sombra do tratado franco-hespanhol, eram introduzidos em França, aguardentados até 15°,9; e, em virtude da circular em questão, os vinhos aguardentados artificialmente, mesmo que a sua graduação esteja dentro dos limites do tratado, são taxados consoante o alcool que contiverem).

3.º Excluir os vinhos de qualquer novo tratado de commercio e quando absolutamente seja impossivel deixar pe os incluir nos novos tratados, que o limite maximo do grau alcoolico para os vinhos importados não passe de 12°, sem tolerancia de decimos de grau, devendo pagar como alcool puro o alcool excedente áquella limite;

4.º Estabelecer um direito interior, igual para os vinhos francezes e estrangeiros, que passem aquelle limite de 12 graus;

(Sem esperar pela terminação dos tratados, entende o syndicato dos viticultores francezes que o seu governo está no direito de illudir aquelles tratados, estabelecendo para todos os vinhos, nacionaes e estrangeiros, um direito fixo até 12 graus, e obrigando á taxa do alcool os que excederem este limite. Diz o mesmo syndicato que os vinhos marcando 15,9, hespanhoes e portuguezes, pódem entrar em França pagando sómente a taxa convencional de 2 francos por hectolitro; que estes vinhos, aguardentados em excesso, levam em si centenas de milhares de hectolitros de alcool allemão, que se furta ao pagamento de direito d'entrada de 70 francos por hectolitro e ao imposto de consumo de 146 francos por hectolitro; que taes vinhos são em seguida desdobrados indo affrontar a venda dos vinhos naturaes; e como a circular Pallain não corta pela raiz este mal, de que os viticultores se queixam, elles pedem um direito uniforme para os vinhos nacionaes e estrangeiros até 12 graus. Poderá o governo francez, em virtude da letra e do espirito do tratado, satisfazer a esta reclamação do syndicato geral?)

5.º Liberdade do emprego de gesso nos vinhos, ou pelo menos conceder-se a tolerancia de 4 grammas de sulfato de potassa, em cada litro.

(Os viticultores abonam este pedido com o velho uso e mesmo a necessidade da *passagem* para a conservação e melhoria dos vinhos do Mediterraneo.)

Por estas reclamações, veem os nossos leitores que os viticultores francezes, luctando efficazmente contra as doenças da vinha, tratam de defender-se da concorrencia estrangeira. visto a producção dos seus vinhedos ir em augmento successivo e que essa defeza ha forçosamente ser prejudicial aos nossos interesses vinicolas.

F. d'Almeida e Brito.

COMMUNICADOS

GOES, 5 DE NOVEMBRO DE 1888.

Acaba de chegar-nos ás mãos o *Conimbricense* de 3 do corrente, trazendo publicada uma carta do escrivão de fazenda d'este concelho, Ferreira, Junior.

Começa por declarar que a razão porque não tem vindo explanar ao publico os motivos do seu procedimento, collectando uma das phylarmonicas e isemptando a outra—era por não desejar prevenir (sic) a opinião do tribunal que tem a decidir os recursos interpostos! Sempre *modesto* este sr. Ferreirinha....

Accrescenta que o seu intuito é elucidar o publico sobre a injustiça das accusações que lhe dirigem, e, fiado certamente em que o fim desculpa os meios, embora nem sempre a moral e a bôa razão desculpem aquelle—insinua que effectivamente collectou a sociedade philarmonica adversa, «visto que era justo que quem tinha aproveitado o direito que lhe conferia o officio do ministerio do reino para explorar a arte em sociedade, acceitasse igualmente o encargo, etc.» Mas, perdão. O sr. Ferreira Junior falta á verdade—não collectou a sociedade—fez coisa muito differente! O que o sr. fez foi inscrever na matriz do corrente anno o nome de onze individuos, effectivamente socios da philarmonica organisada com escriptura publica—collectando-os com a falsa designação de musicos da tabella B, classe 7.ª, correspondendo-lhes assim na totalidade uma contribuição de valor superior a 60$000 reis (!!!), quantia que os desgraçados terão de pagar no proximo mez, se no Tribunal Administrativo as respectivas reclamações não obtiverem a justiça que indecentemente lhes foi denegada pela facciosissima junta dos repartidores d'este concelho. Pelo contrario, se o sr. Ferreira procedesse conforme a propria lei e a equidade exigiam—collectando a sociedade por meio de uma só taxa correspondente a 10 p. c. dos lucros—a phylarmonica teria agora de pagar apenas cinco ou seis mil réis de contribuição, quantia proporcional e em harmonia com os seus ganhos.

Fica pois bem assente que pretendendo justificar-se de uma illegalidade ou abuso a que os roubados chamarão de outra fórma,—o escrivão de fazenda do concelho de Goes, Ferreira Junior, mentiu como um villão! Todos sabem porém que o sr. Ferreira Junior é um empregado sem sciencia nem consciencia, movendo-se consoante a vontade dos cocheiros que o dirigem... E que acostumado desde creança *a fazer* aos outros o que os outros nunca lhe fizeram a elle, ultimamente, talvez por imitação, entretem-se em *alliviar* a Fazenda Nacional de muitas contribuições de amigalhótes e correligionarios—ao passo que ceva nos adversarios politicos, (porque o sr. escrivão de fazenda é um politico damnado), os seus instinctos réles e vingativos, collectando-os no maximo, as mais das vezes com manifesto desprezo da lei e da equidade. Sirvam de exemplo a collecta dos *musicos* e a nota dos *favores* que se seguem:

O sr. Francisco José Beato tem uma loja de commercio—em que o sr. escrivão de fazenda passa a maior parte das tardes. Esta loja não figura na matriz... conclusão—um favorsito pelo menos de 3$180 réis. João da Silva Moreira, Joaquim Affonso dos Reis e José da Costa Alves Ribeiro, com lojas de botequim n'esta villa, estão inscriptos na matriz como bufarinheiros sem cavalgadura (!!!) Deviam pagar pelo menos 22$260 réis e pagarão apenas 1$908 réis! O sr. Ferreira Senior, pae do escrivão de fazenda, é mestre de musica—lei nenhuma o isempta da contribuição—mas como é pae do sr. escrivão de fazenda toca a metter-lhe no bolsinho pelo menos 3$180 réis! etc. etc. etc.

Havemos de fallar de dezenas de favores d'esta natureza *(porque o sr. Ferreira Junior faz outras tambem)* e toda a gente ficará percebendo depois porque o sr. Ferreira dá ás vezes o seu passeio de carro e a cavallo...

Até breve.

Idas de Pau.

SECÇÃO LITTERARIA

A VARINA DA MURTOZA

E' impossivel que o observador sensato, quando vê á porta d'uma escada uma varina a vender peixe e a descompôr a criada que lhe vem fazer as compras, não diga comsigo que é perfeitamente convencional o enthusiasmo pela plastica das varinas, e que a tradição d'aquelle prelado romano que aqui esteve e que ia todos os dias vêl-as correr no Aterro, prova apenas que não era ruim de contentar esse patricio de Raphael.

E comtudo nada ha mais justificado do que essa fama de belleza e de elegancia que as varinas possuem, mas o que é necessario é procural-as no seu meio, na sua athmosphera, na aldeia natal onde florescem, em plena terra, ao ar livre, e não n'estas estufas das grandes cidades, onde degeneram, onde perdem as suas qualidades nativas, as suas côres fresquissimar, e até aquelle recato grave e delicado com que vão guiando nos campos da Murtoza, a caminho do mar que açoita ao longe os areiaes da Torreira, o seu carro de bois, vagaroso e chiador.

Conservam ainda em Lisboa um pouco da sua natural elegancia, porque o esforço muscular, que fazem para manter firme na cabeça a celha do peixe, conserva lhes o corpo desempenado, graciosa e bem ondulada a curva do seu busto.

Mas o ar empestado do bairro varino desbota-lhes as côres, e murchalhes a frescura, a promiscuidade d'aquelle meio corrupto e corruptor parece que apaga no seu olhar a luz serena e fulgurante que o sol das suas ter-

ras accende nas suas pupillas, o seio firme toma aquelle pendor *não grato* do verde limão de que falla Garrett; estorce-se-lhe a bocca e ronqueija-lhe a voz no uso frequente da linguagem da Angot e aquellas finas estampas do Norte parece que se transformam em lithographias grosseiras como as que adornam os muros banaes dos potequins.

Procurem-n'as por exemplo na Murtoza e ahi verão o que são essas gregras do Occidente com as suas fórmas esculpturaes, com a sua pallidez morena, com o seu radioso olhar, em que se não reflecte aquella avidez baixa do preço da sardinha que avilta os olhos das suas irmãs da capital, A's vezes tambem teem as suas luctas e as suas coleras, e nas discussões asperas da divisão do peixe erguem-se de subito as imprecações fulminantes. Mas não nos achamos em presença das Angots reles que vomitam injurias de bocca torcida o que temos dante de nós é uma Electra a fulminar Clytemnestra com as imprecações de Sophocles, soltando os cabellos, torcendo os braços, tragica, sublime ás vezes nas invenções da sua ira.

O mar, que as educou, foi que lhes ensinou as suas coleras, como os pinheiros dos areaes lhes ensinaram, em dias de temporal, as suas esbeltas attitudes. Não as desbotaram as emanações mephiticas do Aterro, ainda por ellas não roçou a aza polluida da prostituição lisbonense, nem as fez escravas o contacto deprimente dos sultões de baixa esphera. Flores gentillissimas da Murtosa quem hade reconhecer-vos no lamaçal da cidade? Tendes lá as romarias á beira-mar, os descantes á luz placida da lua nos campos orvalhados, as fontes limpidas e claras onde ides lavar o rosto nas manhãns de S. João, o ar impregnado dos aromas da terra e das emanações salinas do mar, como podeis conservar essa nativa gentileza n'este ambiente pestifero das ruas estreitas e immundas, com os descantes obscenos, a pandega vil da taberna enfumaçada e quente?

As vossas fontes das manhãs de S. João são os marcos fontenarios da companhia, o luar que vêdes é o luar municipal dos lampiões, e as romarias os arraiaes bulhentos e sordidos dos arredores.

A's vezes as varinas procriam na cidade, e nada mais triste do que essas creaturas nascidas na regueira das capitaes, que nem ao menos abriram os olhos á luz do ceu amplo e sereno, os pulmões aos effluvios resinosos dos pinhaes, e os ouvidos ao canto embalador do Oceano. As varinas de Lisboa são como as laranjas em Paris, fructa de estufa, engelhada sem sabor. Por isso ao tal prelado extrangeiro que ia para o Aterro ver as peixeiras, todo o homem que prezasse a gloria portugueza devia dizer:

—Monsenhor: Laranjas em Setubal, varinas na Murtoza.

Pinheiro Chagas.

OS TRES VESTIDOS BRANCOS

Ainda mal não tinha despontado o sol, tudo andava n'uma roda viva em preparar a festa do dia. A's sete horas da manhã, já a patrôa e a cosinheira iam caminho da praça, fazer compras para o festim gastronomico.

O jantar devia forçosamente sair uma coisa bella, producto da mais requintada arte culinaria, para o que o *menu* havia sido estudado de antemão.

De volta das compras, a patrôa, incommodada com o peso das flores, que não quiz confiar a moços, e que lhe massaram os braços, descançou um pouco para logo ir tratar da decoração da casa de jantar, que a pouco trecho já começava de apresentar um todo harmonico e festivo, com as suas rosas, peonias, lilazes, distribuidos nas angras, sobre os moveis e em jarras grandes de porcellana, dispostas com symetria.

Almoçaram a toda a pressa para deixar a meza livre ao bom gosto do criado que, todo afanoso, se poz a preparar o seu serviço com um ar todo grave, muito sério, talvez em respeito á sua gravata branca.

O patrão, depois de ter ido dar uma volta pela garrafeira, escolher os vinhos finos, em virtude de aspirar em demasia o aroma estonteador d'elle, não sabia lá muito bem por onde começar a sua faina respectiva. Passeia d'uma casa para outra, de lá para cá, de cá para lá, puxa do relogio, vae á janella, volta ao quarto, do quarto á sala, torna á casa de jantar, deita um olhar de soslaio para a cosinha, e acabá pela vigessima vez de vir espreitar a *baby* que dorme a somno solto na sua caminha muito fôfa, no seu ninho de musselina e de seda, ao lado do grande leito á Luiz XV, cujo cortinado, solto da braçadeira, protege o berço da menina contra a menor corrente de ar.

A pequenina creatura descança tranquillamente, com as faces ao de leve rosadas, a respiração muito egual saindo pela boquinha entreaberta, sem que lhe passe pela idêa que é a heroina do dia e a causa unica de... se deitar a prateleira abaixo.

A sua *toilette* está prompta. Admira-se cuidadosamente exposta na *chaise-longue*, de estofo côr de ervilha assim como os *fauteuils*, e onde se destaca pela alvura do tecido sobre o tenuissimo fundo verde. Ali vemos a mantilha de *moiré* toda enfeitada, acolá a pelliça de lã e seda forrada de setim, ao lado o comprido véu de tulle, em cima da commoda os liliputianos sapatinhos de pelle de cabrito, que fraternisam com um bonnet de boneca, que está ao pé mais carregado de rendas do que a tiara d'um doge.

As roupinhas brancas, as meias, as calcinhas de flanella, tudo ali está, não falta nada. E sobre o leito jaz estendido o vestido do baptisado, pequenino na fórma, mas immenso no comprimento, o vestido em *point d'Alençon*, sobre a fimbria do qual e em todo elle, na fina bordadura de trabalho antigo, se enlaçam brazões de armas, grinaldas de rosas já muito pallidas e que tresandam a bafio.

E' um vestido de familia.

E se é certo que todas as coisas teem uma alma, a d'elle deve certamente tomar parte na alegria commum e esquecer, ao menos por um dia, a sua edade respeitavel e os annos que lhe amarelleceram as prégas delicadas.

Contando com o da mãe da neophyta e com o da avosinha, é já este o terceiro baptisado a que assiste, e quem sabe se lá não representa um papel importante!

Que velhinho! mas ainda está muito bem conservado para a idade, e não admira, não tem conhecido da vida se não os sorrisos, porque na caixa perfumada aonde se arrecada depois de cada ceremonia não penetram, não podem chegar até elle os desgostos, os suspiros e os queixumes.

E' esta a razão.

Dão quatro horas precipitadas e occupadissimas no relogio da casa. A *baby* já tinha accordado. Era tempo, porque o baptisado estava para as cinco e já haviam chegado alguns convidados com a madrinha. Começaram agora á pressa a *toilette* da menina. Não se acaba sem mil difficuldades, porque todos querem dar o seu conselho como deve ir, inclusivé o papá, tão desageitado que não consegue senão fazer chorar a menina, em quanto lhe vae calçando sem geito nenhum os sapatinhos.

Emfim, não é sem custo que se obtem pôl-a em termos.

Não obstante os stores se acharem corridos, o sol de junho doira e anima tudo com o seu resplendor de luz. Falla-se alto, conversa-se, ri-se na sala que as flores perfumam. As *toilettes* claras das damas fazem um coquette rugeruge na penumbra, e os seus reflexos assetinados dão alegria aos rostos.

A *baby* faz a sua entrada triunfante nos braços da ama rochunchuda. Vem muito cheia de calor, se lhe parece, coita linha, envolta no seu vestuario de luxo, vem vermelha como uma cereja madura, os seus olhinhos scintillam; olhando as rosas que desabrocham sobre a credencia, e por ver aquellas figuras felizes que a contemplam põe-se a rir e a babar o véo.

A mamã, cuja graça de parisiense é incitada pela certeza do furor que a sua *toilette* nova vae produzir, e excitada pela alegria de viver e orgulho da maternidade, vae toda imponente pelo braço do padrinho, um antigo companheiro do marido e um dos melhores amigos da casa.

São já mais de cinco horas; se se não apressam chegarão muito tarde á egreja.

Abre-se a porta da escada e o cortejo põe-se em marcha.

Assim a neophyta dá o primeiro passo official no mundo.

Estamos agora em uma linda manhã de maio, entrevendo-se ao longe uma cerração côr de rosa.

O ruido da via publica que desperta chega até á janella da formosa creança, que accordára já tambem. Tudo está ainda recolhido em casa. Hoje vae ella ser outra vez a heroina do dia, mas com conhecimento de causa.

Vae á primeira communhão.

O relogio de atalaya junto do travesseiro marca seis horas. A creança salta para fora da cama cheia de contentamento!

— Que vista que eu vou fazer hoje, pensa ella ainda com uma pulsação interior deliciosa.

Passos ensurdecidos sentem-se no corredor. A porta da pequena alcôva abre-se docemente.

— Já accordaste, Lulu?

— E então não havia de accordar, mamã!

— Oh! minha rica filhinha!

D'ahi, muitos beijinhos, muitos. Ah! não se imagina quanta poesia, que ternura, que eloquencia, que santidade encerram os beijos quando soam justa e verdadeiramente!

— Olha não sabes, a modista trouxo hontem á noite mesmo o teu vestidinho; vou buscal-o para tu veres.

Assim o disse, assim o fez, mas tambem não quiz que outra pessoa se intromettesse na *toilette* para aquella cerimonia, porque só ella queria ter as honras de pôr a filhinha muito catita a causar a admiração de todos.

Lulu obedece com a maior quietação e recolhimento quasi grave.

Não pode ainda assim evitar um sorriso quando o espelho, que está em frente da cama, retrata o seu rosto ainda com a touca de dormir, dando-lhe assim a aparencia de uma mamãsinha muito rasoavel.

Fechamos agora a porta do *boudoir*, para que os nossos olhares não profanem as formas esculpturaes d'essa mamãsinha.

Agora, que ella está quasi prompta, vejamos como vem chic. Galantes sapatos de *Cendrillon* calçam-lhe os pésinhos que moldam umas meias de seda; o vestido de musselma branca liso, com a saia cahindo direita, é de uma simplicidade severa e casta e vae-lhe muito bem, mas a cauda, roçando o chão, incommoda um pouco a creança habituada aos vestidos curtos.

As luvas tão galantinhas e tão pequenas estão ali sobre a meza, ao lado do livro de missa guarnecido de arabescos bysantinos, ao pé das contas de resar de velha prata cinzelada.

Vão pôr-lhe o véo, quando o pae entra entalado em uma sobrecasaca nova, arradiante e physionomia viril, a que dão realce alguns cabellos que alvejam nas fontes.

Sem dizer palavra, porque a sua voz tremeria de contentamento, aperta longamente a filhinha nos braços.

— Oh! meu querido papá!

— Um beijinho, Lulu!

Aquelle abraço n'esse momento é a melhor parte da sua existencia, o mais puro do seu passado, o memorial permanente d'um consorcio feliz, o setimento do dever cumprido, a impressão inefavel das primeiras alegrias paternaes!

As imagens que em tropel se levantam a seus olhos, são tão suaves e tão animadoras, que fazem depressa esquecer os rancores dos dias tristes, as luctas estereis, as abjecções, emfim todos os lances que ums vida accidentada levanta na nossa passagem.

Acodem tambem pela porta, que deixara aberta, a avósinha, o irmão e a outra irmã. As creadas tambem cá veem metter, o nariz.

— Olá, como está bonita, hein, hoje não falla a todos.

E a mamã aconselha:

— Olha lá, não amarrotes o vestido.

— Fallo a todos, sim senhor, não sou nenhuma impostora, responde a menina.

E com o coração transbordando de affecto agasalhador e terno, foi dar um beijo em cada pessoa com uma gentil indifferença de creança desvanecida.

O pequeno quarto mobilado á Luiz VXI, rescendendo ao subtil perfume da verbena, toma um indefinivel aspecto de capella. Emquanto pregam alfinetes no véo, a Lulu está immovel, contemplando a sua alma, isolando-se no pensamento que a absorve, que a purifica e hypnotisa

O seu rosto pallido pelas fadigas da solidão, o seu nariz rectilineo, as sobrancelhas bem desenhadas, as suas pestanas compridas, esfumando com um toque suavissimo os olhos humedecidos, o queixo fino, o seu ar scismador, o seu airoso perfil, as suas formas delgadas, as prógas hieraticas do seu vestido, tudo, tudo n'ella faz pensar nos anjos primitivos de *Fra Angelico*, queimando os perfumes sagrados em thuribulos de oiro.

O echo traz-nos o som longiquo do repique dos sinos, cujo som festivo penetra as paredes e acompanha em surdina a conversação.

Falla-se muito devagar, baixinho mesmo, como em uma egreja. Já calçou as luvas, emfim tudo está em ordem de marcha.

Na sala que tem de atravessar-se para sahir, estão expostas—por ordem de chegada—as prendas que vieram de vespera, ao lado de ramalhetes brancos, escondidos em envolucros de phantasia e sobre os quaes estão de pé, presos na extremidade, os aderesses dos offerentes.

A primeira commungante desce a escada, silenciosa, para não despertar as degraus adormecidos.

Como um deslumbramento de fanfarra, após um silencio sepulchral, o sol acende-se em labareda e circumda d'uma aureola de oiro a creança que vae envolta no mais candido vestuario.

Chega á rua.

E os sinos sentem-se agora mais de perto em pleno repique, no espaço todo festa, estafando os ouvidos dos fieis com o badalar importuno todo o santo dia. Mas a distancia elles ensurdeciam o rumor da sua alegria ruidosa para não distrahir a *baby* de hontem, a mulher de amanhã, a virgem que vae receber o Deus no seu coração.

*

Ainda um aperto de máo e estamos no epilogo d'uma outra festa. O ultimo dos convidados pede licença para retirar-se.

A casa fica vasia.

Na sala de jantar os creados levantam a mesa onde se dera o *lunch*.

Na rua gelada, a neve cae e esfria cruelmenteo o interior das dependencias que se enchem de sombra e de melancholia inconscientes.

O pae e a mãe, sós, de pé ao centro da sala, sentem-se pela primeira vez na sua vida embaraçados de se verem juntos. Os seus olhares evitam-se. Um desconforto por toda a parte.

Palavras banaes sahem dos seus labios, sem nexo automaticamente, porque os seus respectivos pensamentos não estão alli.

— Que tempo tão mau!

— Está terrivel.

— A Laripête trazia uma *toilette* bem bonita, não achas?

— Ora, muito original, tem muito bom gosto.

— O Mauricio está velho.

— Se trabalha tanto!

Pausa.

O papá pegou na tenaz e atiçou o lume do fogão trauteando a marcha nupcial de Mendelssohn.

— Vou despir-me, diz a mulher, e sae.

Desde que a esposa se foi embora, pára de cantar, levanta-se, vae rufar nos vidros da janella, aspira uma flôr: volta ao fogão, contempla sem vêr um perfil chinez, um boneco de bronze que lhe está fazendo eternamente uns esgares provocadores, depois abre a porta e dirige-se para o quarto da «menina», como ainda então se dizia.

Ao entrar não póde dominar um movimento de retrocesso.

N'essa parte da casa, que elle suppozera sem ninguem, encontra sua mulher. Tivera a mesma idéa que elle, e havia-o precedido na visita ao sanctuario d'onde tinha partido o idolo tão querido e tão adorado.

Partido! o amor no coração e o riso nos labios, partido pelo braço d'um desconhecido, d'um outro, d'um estranho, d'um marido! partido sem voltar a cara para seu pae, com a mira em um futuro de illusões côr de rosa! partido entregue a uma embriaguez desconhecida e divina de todo o seu ser, zumbindo-lhe nos ouvidos a symphonia mysteriosa e vibrante da juventude! partido, voando para o paiz do sol e da visão!

O quarto conservava-se tal como o havia deixado a pombinha na debandada de uma partida a toda a pressa.

Os paramentos do noivado, trocados pelo fato de viagem, estão para ali, á direita e á esquerda, em completa desordem, n'um desejo nervoso de fuga.

Aqui, um sapato de setim, ali, debaixo da mesa da cabeceira, o outro; a corôa symbolica de flôres de laranjeira descança em cima da cama d'ella—da cama que já não é sua,—o comprido véu de Valencienes, atirado para ali á tôa, escorregára para o tapete; o vestido de velludo *ciselé*, de cauda solemne, cobre o canapé mais pequeno; as mangas do *corsage*, abandonadas em um espaldar de cadeira, pendem inertes e estupidas, como os braços de um fantoche automatico; o ramo de flores brancas, esquecido ao pé das luvas, definha no aparador do fogão, no pesado calor do compartimento, cujo ambiente está ainda entorpecida pelo amargo e capitoso perfume das tuberosas.

Os rostos do pae e da mãe tinham abandonado a maseara de aligria ficticia com que se ataviaram para receber os noivos, e as feições cançadas de mentirosos trejeitos haviam-se desarmado fatalmente.

Com um olhar,—olhar que não poderam evitar d'esta vez—comprehenderam-se.

Era o dissabor occulto que lhes invadia as fibras dos seus corações egoistas, era o infortunio commum que elles acabavam reciprocamente de trahir em flagrante delicto. De que servir dissimular agora que tinham arrancado um ao outro o seu intimo segredo?

E então, esses dois seres mudos, totalmente mudos, caminham a encontrar-se com os braços abertos. Em um prolongado e fremente amplexo os seus corações tocam-se, consolam-se, unem-se, confundindo o lancinante e doloroso pensamento da soparação com a acre voluptuosidade do seu proprio sacrificio.

As brazas da lareira crepitam, apagando-se. Na rua, a neve continua a cahir em grossos flocos, cobrindo o solo d'uma altura tal, que mais parecia um immenso véu de desposada.

A noite não tardou em vir, e o vestido de nupcias—o terceiro vestido branco da ex-Lulu—lança no aposento um clarão de aurora, muito suave, sorrindo como uma esperança.

Frantz Jourdain.

UM HEROE

Oito horas da manhã e já na rua os ouço apregoar:

— Camarão!... A' lá... camarão!...

. . . . . .

São dois pobres pescadores, pae e filho, que ganham a vida pescando e vendendo camarão pelas ruas. O pae é um homem alto, de feições rudes e queimadas pelo sol. Um verdadeiro typo de maritimo. O pequeno, ao contrario, é loiro, de olhos azues, grandes e expressivos, tez alva, physionomia respirando alegria e intelligencia.

E ambos, carregados, com os cestos repletos da pesca da manhã, vão cidade fóra, lançando aos ares o seu pregão sonoro e trinado:

— Camarão!... A' lá... camarão...

*

Tem uma historia o pequeno.

De manhã, muito cedo, quando mal a aurora deixa entrever vagos clarões, quando as aves trillam os primeiros gorgeios, já elle está de pé, como um homem vigoroso e são, prompto a acompanhar o pae na faina quotidiana.

A essa hora, volta-se languidamente na sua fôfa e confortavel cama o filho dos protegidos da sorte, emquanto que elle, pobre filho de proletario, vae expôr o corpinho ás frias rajadas e a vida sobre as ondas que baloiçam o fragil barquinho!...

*

Um dia, cançado de trabalhar, gasto pela lucta da vida, cahiu doente o pae. A miseria, com todo o seu lugubre cortejo, bateu-lhes então encarniçadamente á porta.

Faltava á familia o roble robusto á sombra do qual se acoitavam.

Agora que fazer?...

Não havia pão nem luz, nem lume na lareira. O pouco d'algum valor que havia em casa já se tinha empenhado ou vendido. Só restava um crucifixo do alto do qual o bom Nazareno assistia espantado e commovido a tão grande desgraça.

Que resolução se havia pois de tomar?... Pedir a outros miseros como elles?.... Talvez o compadre pudesse...

E lá foi a pobre mulher banhada de lagrimas, bater á porta do bom homem, que, com o semblante a revelar tudo quanto se lhe passava no coração, respondeu com voz entrecortada pela commoção:

— Para fraca coisa prestava, porque tambem era pobre... Mas emfim sempre havia de auxilial-os como pudesse...

E tinha as lagrimas, como punhos, a saltarem dos olhos indo perder-se-lhe nas barbas alvejantes.

Soube cumprir o que disse, embora tirando muitas vezes a si e a seus filhos o pão que repartia com a comadre!

Demais estava para alli o rapazelho de braços cruzados a servir-lhe de pezo... e os freguezes estavam a perder-se... Que se ella quizesse levavalhe o rapaz para a pesca, para que o ajudasse... depois que se fosse a cuidar da freguezia.

Ella acceitou a proposta generosa do bom homem... custava ter de deixar assim ir o rapaz, lá isso custava-lhe; mas que havia de fazer?

Verdade fôsse que o filho ia bem entregue, porque o seu compadre era um homem como se quer...

E, no dia seguinte, rapaz e companheiro sahiam para o mar, as redes ao hombro, n'uma grande animação alegre.

Assim se passou um mez.

Ao fim d'esse tempo melhorou o pae e poude sahir para trabalhar, para ajudar a creança, que já queria aventurar-se sósinho n'uma canôa, mettendo-a ao vagalhão da barra.

Um homem ás direitas!...

*

D'então para cá voltou a tranquilidade ao albergue do pescador. Já ha pão e lume, embora não seja com muita abundancia, porque os ganhos são poucos... Assim como têem, sentem-se felizes e conformam-se á falta de melhor.

E lá proseguem, o pae e o filho no seu modo de vida, de cesto aos hombros, soitando aos ares o seu pregão vibrante:

— Camarão!... A' lá... camarão!...

*

A's vezes, quando os sinto na rua, debaixo da janella, sinto vontade de descer a abraçar esse ente pequenino e laborioso, que assume a meus olhos proporções de heroe, e a saudar n'elle a imagem personificada do trabalhador honesto e bom!

Eduardo de Faria.

ALMAS DO OUTRO MUNDO

Tornava-se espinhosa a situação do dr. Trousse Cadet. Na provincia era-lhe impossivel crear futuro e posição ao seu rico afilhado Polycarpo; mandal-o para Paris—um moço tão inflammavel—fôra uma imprudencia terrivel. Tomou uma resolução energica: partir com elle. Houve jantar de despedida, brindes, votos de felicidades por parte dos membros do *Cercle*, abraços, recommendações... e toca para Paris!

*

Chegado que foi á grande cidade, o nosso bom doutor tratou immediatamente de procurar um alojamento comodo e honesto. Despresando as indicações e protestos do afilhado, explorou o bairro de S. Germano, centro da velha aristocracia, que o nosso doutor estava longe de desprezar, como affectam fazel-o os burguezes d'hoje, esquecendo que os antigos nobres batiam-se nas cruzadas e os antigos burguezes recebiam pontapés aviltantes pela profusão, pela violencia e pelo sitio onde lh'os adplicavam.

Mas o bom doutor soffria decepções amargas em face das exigencias de preços. Quando lhe pediam dois a tres mil francos de aluguel, o doutor oppunha invariavelmente esta reflexão: —«Com fato e comida; não é verdade?» Chamavam-lhe imbecil os Pipelets, e o doutor affastava-se cheio de colera, convencido de que a maldita classe estava ainda abaixo da sua miseravel reputação.

Sae do bairro aristocratico para o velho e pacifico Marais o bom provinciano, e depara-se-lhe na rua das Vieilles Haulmières um arranjosinho a primor. Porteiro delicado e affavel e oitocentos francos a renda. *Está dito!* Apenas uma pergunta ao ouvido.... —Sim, senhor, resposta do porteiro; muito acciada, sempre com agua, é ao fundo da alcova. —Está bem; é commodo; já não vou mais longe! Installa-se o amigo doutor. Mas que valor teria em Paris a liberdade se não houvesse o recurso de repartil-a com outra creatura? Esta reflexão é do doutor Trousse Cadet logo no dia da installação.

Ah, velhacote!

*

Se os amigos velhos lá da provincia fossem informados, com certeza não acreditavam no occorrido. Imagine-se que ao terceiro dia o conspicuo Trousse Cadet tinha casualmente descoberto em Paris uma Pamelasinha das suas rapaziadas. Grande alegria e risota.—Estás bem conservado!—E tu fresca como os amores! Se nós reatassemos.... E' bem lembrado, menina!

Ao terceiro dia, ou antes, á terceira noite, o grave Trousse Cadet dormitava, olho fechado, olho aberto, ao lado da Pamelasinha. Um raiosito de luar penetrava na alcova, quebrando-se no cortinado da janella; havia um silencio propicio á boa somnéca do justo; eis senão quando...

Eis senão quando o bom Trousse Cadet abre os dois o hos espantados e busca certificar-se... E' certo! Não ha duvida nenhum! E' um phantasma; uma figura branca deslisando ao fundo da alcova... e que cheiro! um cheiro especial... Não ha duvida alguma!

Decorreram cinco minutos. O doutor accordou a Pamelasinha e communicou-lhe as suas impressões e o seu terror. Passa novamente ao fundo o phantasma pavoroso; sae da alcova e fecha a porta cuidadosamente atraz de si. Que situação! Que horror! Os dois escondem as cabeças debaixo da roupa, mas tornam a espreitar... lá vae segundo phantasma, deslisando ao fundo! Desapparece.

—Ouviste?

— O que, menino?

— Um ruido de cadeias de ferro!

— Pareceu-me antes papel amarrotado...

— E' preciso acabar com isto!

O amigo Trousse Cadet salta fóra da cama e precipita-se sobre o phantasma. N'esse momento a vidraça escancara-se impellipa por uma ventania que se levanta de subito; a luz do luar penetra na alcova e allumia um pobre diabo em fralda de camisa, tremulo de terror, pedindo misericordia, de mãos erguidas.

— Não me façam mal, pelas bemditas almas, meus senhores!

— Que vem você aqui fazer? Responda já! berra o doutor animado pelo pavor do intruso.

— Vim aqui... fui ali dentro... como todos fazem.

— Como todos fazem!?

— Pois ali é a coisa... o aquelle... o «buen retiro», e todos os moradores teem uma chave da alcova... para quando é preciso...

— No meu quarto! na minha alcova! Ah, infames!

A Palmelasinha estorce-se gargalhadas, em cima da cama; o doutor dá urros. No dia immediato desce ao cubiculo do porteiro, mal rompe a manhã, e interpella-o furiosamente.

— Eu não lhe disse que a coisa era no fundo da alcova? recalcitra Pipelet com altivez.

Qual coisa! Pois a *coisa* geral no meu quarto é coisa que se admitta?! Isto só em Paris! Que terra! Mas não tem duvida, vou para os tribunaes. Isto não fica assim!

Vae para os tribunaes. Riem-se de elle e ainda em cima condemnam-n'o nas custas!

Ora apanha para o teu tabaco,—para não seres pateta!

Armand Sylvestre.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 5

Concessão de differentes mercês honorificas.

Varios despachos administrativos e de instrucção publica.

Relação dos candidatos admittidos a concurso para aspirantes medicos no quadro de saude naval do ultramar.

Boletim militar do ultramar.

Diario de 6

Portaria explicando qual o terminus da linha do caminho de ferro de Lourenço Marques, frontciro á Republica sul-africana.

Despachos de varios empregados para os correios e telegraphos.

Diario de 7

Despachos de varios empregados para os correios e telegraphos.

Portaria mandando abrir as aulas do instituto de agronomia e veterinaria.

---

62 **FOLHETIM**

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

«E então! onde estais, traidores? porque motivo não obedeceis á minha voz?

— Podes chamal-os, valente barão, lhe diz a velha com um sorriso escarnecedor: ameaça-os com a prisão e com a morte, se não executarem as tuas ordens; mas sabe que não has de ter d'elles nem resposta, nem soccorros. Escuta, accrescentou ella depois de breve pausa, não ouves o estrepito das armas, e os gritos dos combatentes! Aquelles sons horriveis não te annunciam que se dá o assalto ao palacio, não te predizem a ruina da tua casa? O poder dos Cabeças-de-Boi, esse poder cimentado pelo sangue, vacilla nos seus fundamentos, e vai esmagar-se sob os golpes dos inimigos que elles, mais desprezam. Os saxonios, Reginaldo, os saxonios atacam os teus muros. Porque ficas em ocio, em quanto um saxonio assalta a tua fortaleza?

— Deus, ou demonios, clamou o cavalleiro, dai-me as minhas forças por um só momento para que me lance no combate, e morra d'uma forma digna do meu nome!

— Não penses n'isso, valente guerreiro; não has de acabar com a morte dos bravos; mas morrerás como uma rapoza, a que os aldeões tapam a tóca com estrume.

— Mentes, odiosa bruxa: os meus homens d'armas hão de saber repellir o inimgo, as minhas muralhas são fortes e elevadas, e os meus dous amigos não hão de temer um exercito de saxonios, quando mesmo tivera por chefes Hengist, e Horsa. O grito de guerra do templario, e da companhia franca, ouve-se acima de todos os outros. A victoria é nossa, e, pela minha honra, o fogo d'alegria que havemos d'accender para celebrar o nosso triumpho consumirá os teus ossos; viverei assaz para saber que passaste das chammas d'este mundo ás do inferno, que nunca vomitou sobre a terra um demonio mais execravel do que tu.

— Goza d'essa esperança, diz Ulrica com um sorriso infernal, esperarte-hei para vêr-mos isso. Mas não, accrescentou ella depois de uma pausa, conhece desde já a sorte que te está reservada, sorte que o teu poder, a tua força e a tua coragem te não hão de evitar, ainda que é preparada por esta fraca mão. Não notas este vapor espesso e suffocante, que já começa a encher este quarto? Persuades-te que são os teus olhos que se offuscam, ou a tua respiração que se difficulta? Não, Cabeça-de-Boi, este fumo tem outra causa; lembras-te que a casa da lenha está debaixo d'este quarto?

— Mulher, exclamou elle com furor, tu não lhe lançaste o fogo?... Mas, ó céus! é o fumo que eu sinto, e o palacio está em chammas!

— Ao menos não hão de tardar a elevarem-se pelos ares, diz Ulrica com o tom mais socegado, e um signal advertirá os sitiantes se os defensores do palacio se occupam em apagar o incendio. Adeus. Cabeça-de-Boi, possam Mista, Skogula, Zernebock, todos os deuses dos antigos saxonios, que são os diabos, segundo dizem os padres, servir-te de consoladores no teu leito de morte, sobre que te abandona Ulrica! Sabe comtudo, se acaso isto te dá prazer, que Ulrica fará a mesma viagem; ella deve partilhar o teu castigo, assim como foi participante dos teus crimes. Agora, parricida, adeus para sempre. Possa cada pedra d'essa abobada achar uma lingua para repetir esta palavra aos teus ouvidos!

Fallando assim sahiu do quarto, e Cabeça-de-Boi ouviu a bulha das duas voltas da chave na fechadura que ella fechava, e da tiradella da chave, para lhe fazer perder até a mais leve esperança. O cavalleiro, desesperado, chamou com grandes gritos os seus servos e amigos, que não podiam ouvil-o.

— Estevão, Sain-Maur, Clemente, Gil, deixar-me-heis consumir pelas chammas sem me soccorrerdes!... Bravo Bois-Guilbert, valente de Bracy, soccorro! soccorro! é o vosso amigo que vos chama! abandonareis o vosso alliado, o vosso irmão d'armas, cavalheiros perjuros, e sem fé!... E vós, perfidos vassallos, não obedeceis ás ordens do vosso amo? Cáiam sobre a vossa cabeça, vós todos que me deixais morrer tão miseravelmente, todas as maldições que os traidores merecem! Mas elles não me ouvem, nem pódem ouvir-me, a bulha do combate cobre a minha voz. O fumo torna-se mais espesso.

— Oh! não poder eu respirar o ar puro um só momento, quando mesmo fosse pelo preço da minha destruição!

— Céu! a chamma atravessa o sobrado,—o demonio marcha contra mim com as bandeiras do seu elemento.

— Longe d'aqui, espirito maligno: não posso seguir-te sem os meus companheiros; tudo o que está dentro d'estes muros te pertence. Persuades-te que só arrastas Reginaldo Cabeça-de-Boi? Não, o infiel templario, o libertino de Bracy, a infame Ulrica, os homens d'armas que me ajudaram nas minhas emprezas, os cães dos saxonios e os maldictos judeus meus prisioneiros, todos, todos devem seguir-te comigo. Não é por ventura uma bella e brilhante escolta no caminho dos infernos? «Lançou ao mesmo tempo uma gargalhada frenetica que foi repetida pelos echos d'este vasto quarto.

— Quem ousa rir-se aqui! bradou elle. És tu, Ulrica? Só tu, e o proprio satanaz, sois capazes de rir n'um tal momento. Affasta-te! affasta-te!...

Seria uma impiedade fazer mais ampla pintura da morte do blasphemo, e parricida.

XXXI

A' brecha inda uma vez, amigos, vamos!
Encham-se os fossos d'inglezes mortos.
E vós que o berço heis tido em Inglaterra
Dai-nos mostras da vossa valentia,
E que da sua raça sois condignos.

King Henry V.

Supposto que Cedric não tivesse grande confiança na mensagem d'Ulrica, não deixou porém de dar parte da sua promessa ao cavalleiro Negro, e a Locksley, que ficaram encantados de saber que tinham no castello uma amizade, que podia em caso de necessidade facilitar-lhes a entrada. Concordaram com o saxonio que se devia dar o assalto, qualquer que fosse a desvantagem dos riscos, e que era o unico meio de livrar os prisioneiros das mãos do terrivel Cabeça-de-Boi.

— O sangue real d'Alfredo está em perigo, disse Cedric.

— A honra d'uma nobre dama está igualmente em perigo, redarguiu o cavalleiro Negro.

— Pelo S. Christovão do meu boldrié, quando só se tratasse de salvar o pobre servo, o fiel Wamba, disse Locksley, arriscaria um dos meus membros antes do que consentir, que lhe cahisse um só cabello da cabeça.

— E eu faria outro tanto, disse o ermitão de Copmanhurst. Eu sei que elle é um doudo; mas, meus senhores, quando um doudo se conduz com tanta destreza e presença de espirito, vazaria um copo de vinho e comeria uma talhada de presunto com elle, com mais prazer do que com o homem mais razoavel. Sim, meus irmãos, posso assegurar-vos, um doudo tal nunca ha de ter falta de clerigos que rezem por elle, nem d'um guerreiro que o defenda, em quanto eu poder cantar um psalmo, ou manejar uma alabarda.

Fallando d'esta maneira jogou o sarilho por cima da cabeça com a sua pesada alabarda, com tanta facilidade como um joven pastor com o seu cajado.

— Muito bem, bravo clerigo, redarguiu o cavalleiro Negro, muito bem! S. Dunstan mesmo não fallaria melhor. Porém agora, meu caro Locksley, não convém por ventura que o nobre Cedric se encarregue de dirigir o ataque?

— Não, palavra d'honra! exclamou Cedric: eu nunca estudei a arte d'atacar nem de defender os castellos da tyrannia, que os normandos edificaram n'estes desgraçados paizes. Combaterei nas primeiras filas, e se acaso não estou em estado de fazer o serviço d'um chefe experiente, ao menos desempenharei os deveres d'um bom soldado.

— Visto que tal é a vossa determinação, nobre Cedric, disse Locksley, encarregar-me-hei da direcção dos archeiros, e consinto que me enforquem na mais alta d'estas arvores, se os soldados que se mostrarem... os muros não forem atr... tantas settas, com...

CORREIO DE LISBOA

9 DE NOVEMBRO DE 1888.

Tem causado estranheza a linguagem anti-monarchica de dois importantes jornaes do Norte, cujos artigos facciosos teem feito sensação. As *Novidades* repellem indignadas a camaradagem d'esses diarios, affirmando cathegoricamente, que esses jornaes serão tudo, menos—progressistas! O *Campeão* foi o primeiro jornal em que eu vi protestos contra essa linguagem democratica dos jornaes portuenses, que destoam completamente da norma do seu proceder anterior.

Tambem tem feito ruido no mundo official a approvação dos compendios para uso das aulas dos lyceus. Parece que houve na escolha um favoritismo desmarcado. Pois até se approvou o livro d'um republicano convicto e exaltado! Não sabem que estes homens da tal *idêa nova* não dão ponto sem nó, e que de tudo se servem para a propaganda descarada das suas opiniões estravagantes. A tal respeito surgem protestos de toda a parte, e entendo que são justos os reparos, pois ha muito melhores compendios do que aquelles que foram officialmente adoptados. Convém que haja mais escrupulo na escolha de livros para estudo da mocidade.

— Com relação á politica militante o horisonte ainda anda muito toldado, principalmente nos arraiaes contrarios. A questão da *chefia* ainda traz preoccupados os espiritos, e parece que se espera d'um alto poder do Estado a sua influencia, proclamada como indispensavel, para aconselhar a orientação politica d'esse partido, outr'ora tão grande e glorioso, e agora quasi nullo, pela discordia entre os seus membros, e mais declaradamente entre os chefes, que se disputam o penacho. Veremos em que fica tudo isso.

— São destituidos de fundamento os boatos de crise, que os noveleiros teem inventado ultimamente. O governo está firme no seu posto, e começa agora a trabalhar assiduamente nos projectos a apresentar na futura sessão. Descancem os impacientes.

— Cánovas del Castillo, o estadista eminente da Hespanha, o academico laureado, o parlamentar distinctissimo, foi outra vez assobiado em terras de Castella. Agora foi em Sevilha. Contra esta offensa ignobil a um hespanhol illustre, glorioso, quaesquer que sejam os seus erros politicos, protestaram violentamente os conservadores e os liberaes monarchicos, e do conflicto resultaram alguns ferimentos e prisões. Ruim politica a que desce a estes meios torpes de hostilidade! E' a cangalhada anti-monarchica a mostrar-se assim por toda a parte.

— Espalhou-se ha dias o boato de que o producto do ultimo emprestimo portuguez foi embargado em Paris pelos famigerados portadores dos titulos de D. Miguel, e sobre este boato bordou a opposição suspeições e calumnias muito estapafurdias, porque hoje, mais do que nunca, está tendo credito n'uma parte da imprensa a maxima de que um punhado de lama atirado a uma parede branca, ainda que não pégue, suja. O *Diario Popular* deu já explicações sobre o embargo. Segundo elle conta, em 1880 o governo portuguez intentou processo de diffamação contra os taes credores de D. Miguel, e obteve plena satisfação moral: como, porém, não haja em França lei applicavel ao caso, o auctor foi condemnado nas custas e despezas do processo. Ora essas custas, que sommam apenas umas dezenas de francos, nunca foram pagas, ou por mera desattenção dos nossos governantes, ou porque os interessados no seu pagamento nunca as reclamaram, e agora o conde de Reillac e a sua gente aproveitaram-se d'esta missão para embargar o producto do emprestimo, a pretexto do tal pagamento. Simples e ridicula trica de advogado de causas perdidas! E' claro que o embargo, tendo esta origem, não tem a minima importancia, politica ou financeira. Os taes portadores dos titulos de D. Miguel são uma gentalha impertinente e incommoda: tal é a unica moralidade do caso.

— Consta e é quasi certo que o sr. infante D. Augusto irá passar o inverno á ilha da Madeira.

— O sr. Henrique de Macedo e sua ex.ma espoza devem regressar a Lisboa no dia 17 do corrente.

— Foi pedida em casamento pelo addido da legação em Haya, o sr. Antonio Maria Bartholomeu Ferreira, a ex.ma sr.ª D. Eugenia Ferreira, filha do sr. José Dias Ferreira.

— Foram nomeados vogaes agregados da junta promotora de melhoramentos agricolas da primeira região agronomica, os srs. visconde de Villarinho de S. Romão, visconde de Villar d'Allen, José Joaquim Pestana da Silva; da segunda, o sr. José Homem de Souza Bizarro; da terceira, o sr. conde de Samodães; da quarta, os srs. Augusto Cunha Eça da Costa, Antonio Rodrigues Pinto e Francisco Manuel Couceiro da Costa; da quinta, os srs. Eduardo Corrêa d'Almeida e Joaquim Osorio da Gama; da sexta, o sr. Joaquim Guilherme Vasconcellos de Azevedo Silva; da setima, os srs. Bernardino Julio dos Santos, Justino Xavier da Silva Freire e Jayme Arthur da Costa Pinto; da oitava, os srs. Joaquim José de Mattos Fernandes, Francisco Eduardo Fragoso Barahona, conde da Boavista e José Maria de Souza Mattos; da nona, os srs. José Bentes Castel Branco e João José da Silva Ferreira Netto.

— Consta que o sr. ministro da marinha vae tratar da reforma da fazenda do ultramar de accordo com os governadores de Angola, Cabo Verde, director geral do ultramar e chefes das repartições d'aquelle ministerio.

— Parece que vae ser determinado por nova fórma o concurso do professorado ao magisterio secundario, e preciso é isso para haver concorrentes ás cadeiras.

— Hontem, pelas 11 horas e meia da manhã, deu-se na rua do Ouro, esquina do Terreiro do Paço, um acontecimento tristissimo. Manuel José, o *Gago*, ha muito tempo que suspeitava que sua mulher Maria José Chupela mantinha relações incestuosas com seu irmão Domingos Fernandes Chupela. Estas suspeitas fizeram com que os dois cunhados quebrassem as relações de amisade, e chegassem a odiar-se mortalmente. N'um dos dias da semana passada, o *Gago* encontrou-se com o cunhado na travessa do Guarda-Mór, onde tiveram uma briga, recebendo o *Gago* duas bengaladas na cabeça. Este desde então jurou vingar-se. N'estes ultimos dias como as suspeitas continuassem, Manuel José, exasperado pelo ciume, lavrou a sentença de morte do cunhado. Hontem pelas 10 horas da manhã, dirigiu-se ao estabelecimento do sr. Bento José da Costa Gomes, na rua dos Capellistas, esquina da rua da Prata, e pediu que lhe mostrassem navalhas porque desejava comprar uma. O empregado do estabelecimento mostrou-lhe differentes navalhas baratas, de que o comprador não gostou, pedindo que lhe mostrasse outras que fossem melhores. O caixeiro vendo o aspecto do freguez, respondeu que não tinha outras. Então o *Gago* pediu facas de cosinha, e sendo-lhe mostradas algumas de differentes tamanhos e feitios, escolheu uma, que ajustou por 220 reis. Depois de pagar saiu da loja tomando a direcção do Terreiro do Paço. D'ahi a pouco, encontrando o cunhado entre a esquina do Terreiro do Paço e rua do Ouro, dirigiu-se a elle e, depois d'uma pequena altercação, deu-lhe tres facadas, sendo uma no lado esquerdo do peito, outra no braço esquerdo e a terceira na face. O ferido ainda se agarrou ao assassino, mas d'ahi a momentos caía para não mais se levantar. A hora e o local em que o crime foi praticado deu origem a um grande ajuntamento de povo. A policia quando appareceu já era tarde, mas ainda assim a tempo de prender o assassino. O ferido foi transportado para o hospital de S. José, mas quando alli chegou já era cadaver. O ferimento da face prolongava-se até ao pescoço, chegando a offender uma das carotidas. Tanto este ferimento como o do peito eram mortaes. Manuel José *O Gago* sendo conduzido á presença do sr. commissario da 2.ª divisão, confessou com a maxima tranquilidade como as cousas se passaram os fins com que tinha comprado a faca, e os motivos que o impelliram ao commettimento do crime, historiando as relações da mulher com o cunhado. O *Gago* é um homem de trinta annos, baixo, de aspecto sombrio. Veste camisola de algodão azul, anda descalço e traz carapuça preta na cabeça. Tanto o assassino como o assassinado são murtozeiros, e empregavam-se na venda de cautellas. A arma, com que foi commettido o assassinato, é uma faca usual, d'uns trinta centimetros de comprimento, de folha larga na base e afiada na ponta com cabo de madeira preta. Consta que o assassinado deixa viuva e cinco filhos menores. Encontraram-lhe n'um *port-viagem* 9$655 reis em dinheiro e um annel de ouro. O cadaver foi depositado no cemiterio do Alto de S. João, onde hoje lhe deve ser feita a autopsia.

As suspeitas do assassino de seu infeliz cunhado são inteiramente falsas. Crê-se que o *Gago* andava ha muito com a razão transviada, devendo-se a essa circumstancia o facto que praticou e as suspeitas que tinha de sua mulher. Esta tinha ido ha tempo para a Murtoza, levando com sigo 500$000 reis, parte do capital havido da herança paterna que a ella pertenceu. A mulher do assassino deve chegar hoje a Lisboa. Vem cumprir com o marido transviado os deveres de boa e virtuosa esposa.

— Parece que os srs. Duparchy & Bartissol, como empreiteiros das obras do tunnel, reclamam para si o direito ás duas terças partes do thesouro encontrado na casa em demolição na calçada do Carmo, isto em virtude de, pelo contracto realisado com a companhia dos Caminhos de Ferro, esta lhes transmittir o direito a tudo que ali estava sobre o sólo, como unica remuneração do trabalho da demolição. Parece tambem que os mencionados empreiteiros tencionam, no caso de lhes ser entregue o dinheiro, distribuil-o por todos os operarios que se empregam nas obras da nova estação e do tunnel.

— Confirma-se a noticia que lhe dei ácerca do roubo de processos, relativos a multas, n'um dos tres districtos criminaes. O caso deu-se no 1.º districto, no cartorio do sr. Nobre Soares, que deixou de apresentar á syndicancia uma porção d'autos de transgressão, que lhe foram roubados durante quatro mezes em que esteve doente e em perigo de vida. Presume-se quem seja o larapio e vão dar-se sérias providencias para o seu prompto e rigoroso castigo, assim como se vae proceder á reforma dos autos para que os delinquentes sejam chamados a responder.

— O conde de Dás partiu já para Madrid, devendo regressar em breve para realisar a cura d'uns doentes pelo systema hypnotico, submettidos aos seus cuidados. Consta que vae estabelecer-se aqui um hospital hypnoterapico.

— Um soldado d'artilheria espadeirou ante-hontem, á meia noite, um official do exercito no Terreiro do Paço. Deu causa a isso motivo pouco decente.

— Foi preso em Almada o tavernciro Manuel de Oliveira, accusado pelo criado Antonio José, de lhe ter levantado quantias que elle tinha no Monte-pio Geral, abusando da sua confiança, pois que tinha a caderneta em seu poder. A quantia depositada no Monte-pio era de 270$000, e, segundo a caderneta, só restam 19$000 reis.

— Foram aposentados os srs. José Francisco Travassos Nunes, escrivão de fazenda de Tavira; Manuel Alves Izidoro, escrivão de fazenda de S. João u'Areias; Casimiro Abranches Andrade, escrivão de fazenda de Gouveia; João Carlos da Cruz Leiria, escrivão de fazenda de Lagos.

— Na sessão da camara municipal, foi resolvido, visto o sr. Verdier não aceitar as clausulas impostas pela camara para a construcção da Avenida aérea, officiar aos srs. João Anastacio de Carvalho e Pinto Coelho, para a construirem nas mesmas condições. Em caso de recusa, a camara officiará ao sr. Ayres de Sá Nogueira, e em ultimo caso, abrirá novo concurso. Foi resolvido tambem pôr a concurso dois logares de fiscaes de policia sanitaria.

— Saiu para Luso o sr. ministro das obras publicas. S. ex.ª vae ali para acompanhar sua familia para Lisboa, que regressa na segunda-feira.

— E' positivo o casamento do sr. infante duque do Porto com a princeza Valeria, filha do imperador da Austria-Hungria.

— Na solemnidade da Bulla, que deve realisar-se na Sé no dia 16, será orador o revd.º bispo de Bethesaida.

— Com passaportes falsos foram presos a bordo do paquete *Berlim*, com destino ao Brazil, Francisco Augusto Marques e João Carvalho, naturaes de Villa Real, e José Vasques e Domingos Ferreira, de Leirós.

— O barão Gaertneu Griebman, secretario da legação allemã em Lisboa, foi transferido para Paris, vindo para aqui o conde Luxemberg, da legação de Belgrado.

— Foi transferida para Samora a secção fiscal de Sobral.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

DECLARAÇÃO

O abaixo assignado declara para todos os effeitos que propoz no juizo de direito da comarca d'Aveiro uma acção de separação de pessoa e bens contra sua mulher Julia Augusta da Silva, e portanto que se não responsabilisa por qualquer divida que, d'ora avante, a mesma sua mulher contráia em seu nome ou no d'elle declarante.

Aveiro, 3 de novembro de 1888.

Domingos Marques da Silva.

PEDIDO

O abaixo assignado pede espera aos seus ex.mos credores pelo pagamento e liquidação legal das suas dividas e contas, por quanto o não póde fazer em razão de se achar proposta no juizo de direito d'esta comarca uma acção de separação de pessoa e bens contra sua mulher Julia Augusta da Silva; promettendo realisar esse pagamento e liquidação logo que seja julgada a referida acção, e responsabilisando-se por quaesquer juros que até então decorram, de fórma que os seus ex.mos credores nada percam.

Aveiro, 3 de novembro de 1888.

Domingos Marques da Silva.

REGIMENTO DE CAVALLARIA N.º 10

O conselho administrativo, faz publico que no dia 24 do corrente pelas onze horas da manhã, e na sua secretaria, procederá a nova arrematação para venda dos estrumes produzidos pelos cavallos do referido regimento.

Quartel em Aveiro, 8 de novembro de 1888.

O secretario do Conselho,

Fortunato Antonio Mendes d'Almeida.

Tenente.

ARREMATAÇÃO

PELO Juizo de Direito da comarca d'Aveiro, e cartorio do abaixo assignado, em virtude da execução que a Fazenda Nacional move a José Filippe Gonçalves, de Brunhães, vão novamente á praça por metade do seu valor, no dia 11 do corrente, por 11 horas da manhã, no Tribunal do Juizo, os objectos seguintes, pertencentes ao referido executado:

Uma corrente e medalha d'ouro, no valor de 12$000 reis.

Uma moeda de prata hespanhola de cinco pesetas, no valor de 375 reis.

Uma moeda de prata portugueza de 120 reis, no valor de 50 reis.

Um porte viagem de couro da Russia, no valor de 400 reis.

Pelo presente ficam citados quaesquer credores para assistirem á arrematação querendo.

Aveiro 5 de novembro de 1888.

O escrivão interino

Antonio Dias da Silva.

Verifiquei—*A. Cortezão.*

INJECÇÃO RAQUIN

DE COPAHIBATO DE SODA

Não causa nem irritação nem dôr e não mancha a roupa. Empregada só ou juntamente com as Capsulas de Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina* de Paris) cura em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas. Muito util tambem como *preservativo*. *Exija-se a assignatura de* RAQUIN.

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES 78, Faubourg Saint-Denis, Paris, e em todas as boas pharmacias do estrangeiro.

E APROVEITAR

CASA LEÃO D'OURO

121, Rua Ferreira Borges, 127

COIMBRA

CAPAS E BATINAS DE PANO PRETO A 9$000!!!

O proprietario d'esta bem conhecida casa incumbe-se de as mandar fazer por aquelle preço e d'ahi para cima o que recebeu um magnifico pano preto.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequeaos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de nnho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogria Medicinal de Ribeiro Junior.

A saude restituida a todos sem despezas nem emprego da medicina.

A ninguem esqueceu ainda o enthusiasmo com que o presidente Dupui disse em pleno Senado: «Para que precisamos nós das drogas se possuimos a deliciosa *Farinha de paude Revalesciére* a que nenhuma doença resiste?!»

Com effeito a Revalesciére tem effectuado curas verdadeiramente assombrosas, como se prova com milhares de certificados em que, entre outros, doentes notaveis como o fallecido Pio IX e S. M. o imperador da Russia, declaram dever á sua aplicação a cura de enfermidades desesperadas.

O celebre professor Déde, radicalmente curado de uma dyspepsia e de uma affecção catarrhal na bexiga, accrescenta no seu certificado:—«Se eu tivesse que escolher um remedio efficaz para qualquer doença, quer fosse do estomago, intestinos, nervos, figado, peito, cerebro ou sangue, não hesitaria um instante sequer em preferir a todas as drogas a Revalesciére—tal é a confiança que deposito nos seus resultados, que não tenho duvida em qualificar *infallíveis*.»

Mr. Henry Stanley, o grande explorador africano, rival de Mr. Brazza, nas explorações do Congo, escreveu da aldeia de Kaghaki, sobre o Congo, de Victoria Nyanza, em 1 de março de 1875:

«De volta d'uma caçada infructifera, causou-me realmente dó a figura dos meus companheiros, e tanto que quasi desatei em lagrimas; mas resolvido a salval-os, preparei com a Revalesciére du Barry uma refeição para duzentos e vinte homens. Causava commoção ver o modo como os seus rostos se desanuviavam ao comer essa doce farinha reparadora.»

Não é menos benefico o seu effeito sobre as creanças, como o demonstram as cartas que seguem:

«A minha pequena Maria, delgadinha-fraca e delicada, não prosperava quasi na, da com o leite da ama; decidi-me a dar-lhe a Revalesciére du Barry, o que a transformou rapidamente, tornando-a fresca, rosada e exabundante de saude.

Paris, 4 de julho de 1880.

G. de Montavaz.»

«Meu caro senhor:—Minha filha não conseguia digerir, nem dormir; soffria de insomnias, de fraqueza e irritação nervosa. Felismente recuperou a saude com o uso da sua Revalesciére chocolatada que lhe restituiu o apetite, a boa digestão, a tranquilidade dos nervos e do somno, bem como a alegria de espirito que de ha muito a abandonára

Porto, 11 de junho de 1886.

H. de Moutonts.»

Quatro vezes mais nutriente do que o carne, tendo além d'isso, a particularidade de não excitar, a Revalesciére custa cincoenta vezes menos que outros quaesquer alimentos ou remedios.

A Revalesciére prolonga a vida por mais 20 ou 30 annos e constitue sobretudo um alimento de primeira ordem para as creanças de peito, sendo em tudo preferivel ao leite.

40 annos de successo.

Em caixas de folha de lata, de um quarto de kilo, 500 réis; de meio kilo, 800 réis; de um kilo, 1$400 réis; de dois kilos e meio, 3$200 réis; de seis kilos, 5$400 reis.

DU BARRY & C.ª LIMITED

Depositos—Em Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharmacia.

Cassels & C.ª, 127, rua do

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

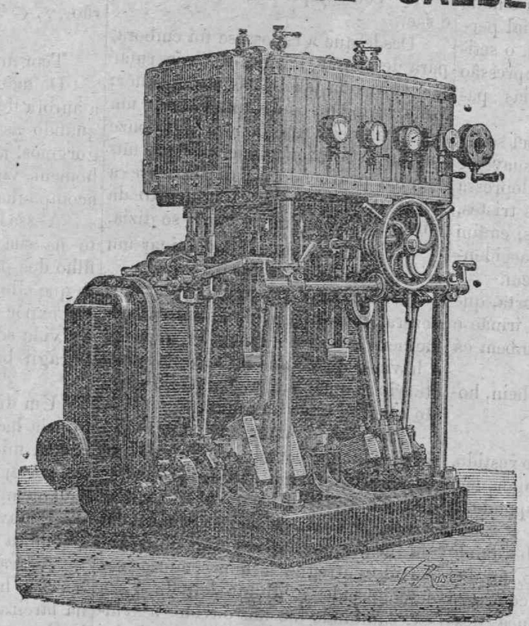
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Viscondeda Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar e ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macnas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo,etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e oendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

ROB BOYVEAU LAFFECTEUR

Cura todas as Molestias resultantes dos Vicios do sangue: *Escrofulas, Eczema, Psoriase, Herpes, Lichen, Impetigo, Gôta e Rheumatismo.*

ROB BOYVEAU-LAFFECTEUR AL IODURETO DE POTASSIO

Cura os accidentes syphiliticos antigos ou rebeldes: *Ulceras, Tumores, Gômmas, Exostose,* assim como *Lymphatismo, Escrofulas* e *Tuberculose.*

Em Paris, Casa J. FERRÉ, Phc.n, 102, rue Richelieu, 4.me do BOYVEAU-LAFFECTEUR, e em todas as Phc.nes.

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRÃOS DE SAUDE DO Dr FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos

Contra a Falta de appetite. Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigens, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 a 3 grãos.*

Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 COREs e o Sello da União dos Fabricantes

Em PARIZ, Pharmacia LEROY.—Depositos em todas as principaes Phc.as

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabelecou ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

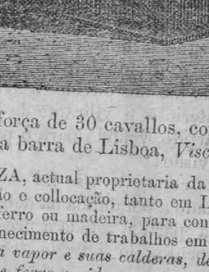
TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO



A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.

Não tem rival.

E' a rainha das machinas.

As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

LICOR TONICO-DIGESTIVO

PREPARADO SEGUNDO A FORMULA DO

DR. R. MENDONÇA

PELO PHARMACEUTICO

MIGUEL M. P. D. SANTIAGO

ESTE MEDICAMENTO já muito experimentado, é um preciso digestivo, quer seja tomado meia hora antes das refeições, para estimular o appetite quer durante ou depois d'ellas, no caso de difficuldade na digestão. Seus effeitos são egualmente notaveis na convalescença das molestias graves, bem como em todas as doenças em que é principalmente necessario levantar as forças deprimidas do organismo.

Póde afoitamente dizer-se que, nos casos indicados, este medicamento

NAO TEM RIVAL

A' venda em todas as principaes pharmacias do paiz.

Depositos—Em Lisboa—A. F. A. Azevedo, filhos.

Porto—Pharmacia Gomes, rua das Flores.

Coimbra—Pharmacia Ferraz.

Aveiro—Pharmacia Ribeiro.

Lamego—M. O. Barros.

Braga—Pharmacia do hospital de S. Marcos.

Beja—J. Fonseca.

Barcellos—A. Cruz.

Abrantes—M. O. Netto, etc. etc.,

DEPOSITO GERAL

PHAMACIA—SANTIAGO—VAGOS

200,000 Doentes curados de DARTROS, CRAVOS VIRUS, ULCERAS PELO DEPURATIVO CHABLE. Em todas as Pharmacias do Universo. Onde se encontra gratis a Noticia Chable.

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHABLE. Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o adresse ao lado.

PAPIER WLINSI Remedio soberano paraa cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

PILULAS DE BLANCARD

DE IODURETO DE FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK 1853 — PARIS 1855

Approvadas pela Academia de Medicina de Paris. Adoptadas pelo Formulario official francez. Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo.

Estas pilulas, em que acham-se reunidas as propriedades do Iodo e do Ferro, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartos, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são ineficazes; na Chlorosis (*palidez das mucosas não menstruadas*), a Leucorrhea (*fluores brancos ou fluxo alvo*), a Amenorrhea (*Menstruação nulla ou difficil*), a Tisica, a Syphilis constitucional, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B.—O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras Pilulas de Blancard, exija-se o nosso sello de prata recortado, o timbre da Union des Fabricants e a nossa assignatura aqui junto.

Pharmacia em Paris, rue Bonaparte, 40

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.os, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E um genico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravida, e amas de leite, pessoas idosas, creanças anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

HISTORIA

DO

MUNICIPALISMO EM PORTUGAL

Estão publicados e acham-se em distribuição os primeiros fasciculos d'esta importante obra, que é a verdadeira *historia* nacional, porque assignala a parte que tiveram na constituição do estado os homens bons dos municipios, que collaboraram de maneira importante na grande operação da independencia, auxiliando as conquistas dos primeiros monarchas, as luctas em defeza da autonomia durante a segunda e quarta dynastia, as descobertas e navegações dos seculos XV e XVI, e que tanto padeceram sob o dominio e invasões estrangeiras.

Collaboram n'este trabalho monumental escriptores distinctos, o que ainda lhe augmenta a importannia.

A parte narrativa é reforçada com a transcripção de documentos, como os foraes, que são publicados na integra, na linguagem primitiva acompanhada da traducção, cartas régias, e provisões e outros, desentranhados do pó dos archives, alguns dos quaes veem a luz publica pela prim ira vez.

N preço é relativamente modicissimo porque mediante o dispendio de 1$500 reis por anno, o assignante recebe 50 fasciculos de 16 paginas cada um, equivalente a um grosso volume de 800 paginas.

Recebem-se assignaturas na séde da *Bibliotheca historico-portugueza*—Lisboa rua de S. Bento 260—onde devem ser dirigidas todas as requisições. Qnem se responsabilisar por 5 assignaturas tem direito a um exemplar gratis ou 20 p. c. das quantias cobradas. A obra depois de publicada augmentará de preço.

EDIÇÃO PORTATIL

DO

CODIGO COMMERCIAL

Approvado por Carta de lei de 28 de junho de 1888—Sem repertorio alphabetico nem relatorio.

Preço, brochado, 100 reis; encadernado, 180 reis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á Livraria—Cruz Coutinho—Editora, Rua dos Caldeireiros 18 e 20—Porto.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO